



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”
Departamento de Geografia e História
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

DANIELE FERREIRA ALVES

Linha de Pesquisa: Região e Regionalização

**SOUSA E SANTA CRUZ – PB: INTERDEPENDÊNCIA
ECONÔMICA, SOCIAL E CULTURAL**

Guarabira - PB
2010

DANIELE FERREIRA ALVES

**SOUSA E SANTA CRUZ – PB: INTERDEPENDÊNCIA
ECONÔMICA, SOCIAL E CULTURAL**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado (a) em Geografia.

Orientador: Dr. Belarmino Mariano Neto

**Guarabira – PB
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A474	Alves, Daniele Ferreira
	Sousa e Santa Cruz – PB: interdependência econômica, social e cultural / Daniele Ferreira Alves. – Guarabira: UEPB, 2010.
	56f. Il. Color.
	Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.
	“Orientação Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto”.
	1. Geografia Regional 2. Cidade 3. Interdependência I. Título.
	22.ed. CDD 910

DANIELE FERREIRA ALVES

**SOUSA E SANTA CRUZ – PB: INTERDEPENDÊNCIA
ECONÔMICA, SOCIAL E CULTURAL**

Monografia apresentada ao Curso de
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba – UEPPB.

*10/10
02/10*

COMISSÃO EXAMINADORA:

pe/ut

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/CH/DHG)
Orientador

30/10/10

Prof. Ms. Carlos Antônio Belarmino Alves (UEPB/CH/DHG)
Examinador

U. Souza

Prof. Esp. Antônio Sérgio Ribeiro de Souza (UEPB/CH/DHG)
Examinador

**Guarabira,
Dezembro de 2010**

Dedico este trabalho à minha mãe, que não mediu esforços e é a principal responsável por eu ter chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo a Deus, por ter me dado condição e desprendimento de me lançar à luta, inúmeras vezes me dando forças quando eu já não as tinha. Agradeço à minha mãe Maria das Dores e à minha irmã Denise, que sempre estiveram ao meu lado, me dando todo o apoio e suporte de que eu necessitava. Também aos meus irmãos Dêgilas e Diógenes, que mesmo distantes, sempre se preocuparam e me ajudaram quando precisei. Ao meu querido Ricardo, que ouviu minhas angústias nessa fase atribulada e suas valiosas palavras de incentivo me ajudaram a seguir em frente.

Ao professor Belarmino Mariano Neto que me ensinou a dar os primeiros passos como pesquisadora. Ele é fonte de muito do que aprendi e a ele sou muito grata pela compreensão, apoio e incentivo nos momentos decisivos desse processo. Agradeço também sua amizade, pois, mais que professor, ele foi um amigo. Em seu nome agradeço a meus professores do curso de Geografia do CH da UEPB, pois contribuíram com a minha construção como geógrafa.

Um agradecimento especial a Vicente, meu primeiro professor de Geografia, que com sua simplicidade, seriedade e amor pela profissão, me transmitiu a paixão pelo saber geográfico e se hoje aqui estou, ele foi minha primeira inspiração.

Aos examinadores Carlos Belarmino e Sérgio Ribeiro, pela prontidão, carinho e receptividade concedida para comigo, não só na análise deste trabalho, como também durante todo o curso. Agradeço aos funcionários da coordenação do curso de Geografia, em especial a Tânia, pela paciência e pelos momentos de compreensão e presteza.

Aos amigos que fiz na UEPB, pelos momentos de alegrias e de debates que nos fizeram amadurecer geograficamente e pelo companheirismo. Em especial aos amigos Severino, Ednaldo, Robson, Remyson, Leandro, Virgínia, Edivaldo, Wallison e Silvânia, pois compartilharam momentos chaves da minha vida acadêmica e em muitos outros momentos foram mais que amigos, foram irmãos. Agradeço também a Janey, que sempre foi um apoio nos momentos em que necessitei de sua companhia.

Um agradecimento todo especial à Bibia, por ter me acolhido com todo amor, carinho e compreensão em sua casa, me proporcionando o ambiente ideal para que eu pudesse realizar minha pesquisa de campo. Sem seu apoio e preocupação, tudo teria sido mais difícil. Finalmente, agradeço à Adriana, que foi uma fiel companheira nesse momento da pesquisa e desde o início do curso foi de ajuda primordial nos momentos em que mais precisei.

O comportamento humano individualiza-se e a individualização atinge os homens nas classes onde o parasitismo do capital mais se encontra mergulhado. Nessas classes sociais o indivíduo sente-se sob um isolamento crescente entre os outros indivíduos. E a unidade dos homens rebenta no justo momento em que as aglomerações urbanas praticamente extinguiram as distâncias físicas e em que o aprofundamento da divisão de trabalho torna-os cada vez mais interdependentes. (Ruy Moreira)

043 - GEOGRAFIA

Título: SOUSA E SANTA CRUZ – PB: INTERDEPENDÊNCIA ECONÔMICA, SOCIAL E CULTURAL.

Autora: Daniele Ferreira Alves

(Orientador) Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/CH/DHG)

Examinador - Prof. Ms. Carlos Antônio Belarmino Alves (UEPB/CH/DHG)

Examinador - Prof. Esp. Antônio Sérgio Ribeiro de Souza (UEPB/CH/DHG)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar estudo de análise sobre a situação de interdependência econômica, social e cultural entre os municípios de Sousa (polarizador da microrregião) e Santa Cruz, município polarizado por este, integrando o quadro de seus oito municípios periféricos. Para tanto, foram realizadas pesquisas teórico-bibliográficas e documentárias, coleta de dados, entrevistas e pesquisas no local. A metodologia consistiu em pesquisa empírica, registro de imagens e entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa abordou a condição de interdependência entre Sousa e Santa Cruz, dando ênfase à questão centro/periferia em seus aspectos e relações sócio-urbanas, existentes e provenientes dessa hierarquia. A base teórica para o estudo centrou-se na linha de pesquisa sobre região e regionalização, bem como o espaço-tempo para contextualização histórica do ambiente de pesquisa. Os resultados apontam para um intenso processo de interdependência entre os dois municípios, onde não só a cidade polo tem influência sobre seu centro local subordinado, como também depende dos fluxos sociais e econômicos advindos deste pequeno centro, sendo, portanto, reflexo e produto dessas relações.

Palavras-chave: Região, Cidades e Interdependência.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização da área de estudo.....	23
Figura 2: Vista aérea de Santa Cruz.....	24
Figura 3: Inauguração da Estação Ferroviária de Sousa.....	27
Figura 4: Mapa do município de Sousa, localizando a sede do município e suas principais vias de acesso.....	32
Figura 5: Sede do município de Sousa.....	33
Figura 6: Avenida Pres. João Pessoa, Centro de Sousa.....	34
Figura 7: Área urbana de Sousa, principais pontos da cidade e suas vias de acesso.....	37
Figuras 8 e 9: Fluxo de pessoas e veículos de outras localidades no Centro de Sousa.....	38
Figura 10: Rua Cônego José Viana, Centro de Sousa.....	39
Figura 11: Estação Rodoviária de Sousa.....	41
Figura 12: Comerciantes de Santa Cruz fazendo compras em Sousa.....	46
Figuras 13 e 14: Microônibus da Viação Santa Cruz e o interior do veículo.....	48
Figuras 15 e 16: Festa de Padroeira em Sousa e cartaz de divulgação de festa em Santa Cruz, encontrado no Centro de Sousa.....	52
Tabela 1: Estrutura Educacional do Município de Sousa para o ano de 2006.....	34
Tabela 2: Estrutura da Saúde de Sousa para o ano de 2006.....	35

LISTA DE SIGLAS

CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas.

CFN – Companhia Ferroviária do Nordeste.

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

ICMS – Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços.

IFOCS – Inspetoria de Obras Contra as Secas.

PMS – Prefeitura Municipal de Sousa.

PMSC – Prefeitura Municipal de Santa Cruz.

SMPS – Secretaria Municipal de Promoção Social.

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO: A Geografia Regional e sua relação com a sociedade	14
2.1 Relações geoeconômicas e sociais em um contexto regional.....	15
2.2 Relações sócio-culturais decorrentes da condição de interdependência entre os lugares regionais.....	17
2.3 Cidade polo e relações de interdependência entre centro e periferia, atreladas às relações cidade-campo.....	18
2.4 Materiais e Métodos.....	21
3. A MICRORREGIÃO DE SOUSA E SUAS RELAÇÕES INTERNAS: ECONOMIA, SOCIEDADE E CULTURA	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: A cidade de Sousa e sua importância em condição de cidade polo	31
4.1 A dinâmica da inter-relação econômica entre os municípios de Sousa e Santa Cruz.	42
4.2 Aspectos sociais e culturais decorrentes da relação entre os dois municípios.....	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1. INTRODUÇÃO

A definição do tema deste trabalho se deu, motivada pela vivência de anos e observação cotidiana no local da pesquisa, onde, para o geógrafo, é claramente perceptível a dependência econômica das cidades periféricas da microrregião em relação a Sousa, cidade que concentra o maior número de atividades econômicas e de serviços da microrregião por ela polarizada, determinando suas relações internas, ao mesmo tempo em que é também, produto delas.

O tema destina-se ao estudo do processo de inter-relação econômica, social e cultural entre as cidades de Sousa (polo) e Santa Cruz (periférica), ambas localizadas no sertão paraibano, com o objetivo de mostrar uma situação de interdependência entre as duas cidades, enfatizando os aspectos acima citados.

Poucos têm sido os escritos sobre as principais cidades do sertão paraibano, onde se analise tanto as relações intra-urbanas, relações centro/periferia, sobretudo como as relações interurbanas ou entre a cidade e sua região, complementadas pela análise das relações cidade-campo, geradoras de fluxos e interdependências.

Tendo vivido minha infância e adolescência no local da pesquisa, ao longo dos anos de curso não pude desvencilhar as teorias geográficas estudadas à realidade vivida por mim tão de perto. Já com o olhar de geógrafa, pude perceber a realidade de interdependência existente entre o polo e a periferia, que passa despercebida aos olhos do cidadão comum, acreditando existir apenas uma situação de dependência do centro menor para com o centro maior, o que não é real. Mostrar essa realidade interdependente foi a principal motivação para a escrita deste trabalho.

A análise geográfica da questão se inicia no segundo capítulo, que trata da relação entre a Geografia Regional e a sociedade, enfatizando os aspectos geoeconômicos, sociais e culturais e os processos de interdependência entre centro e periferia atrelados à relação cidade/campo em um contexto regional. Esta análise é baseada em pesquisa bibliográfica que tem como marco teórico a abordagem geográfica regional apresentada por Ruy Moreira (tratando da gênese da Geografia Regional e das vertentes de abordagem regional que dela surgiram), por Roberto Lobato Corrêa, que faz um apanhado geral sobre a Região, conceituando-a e mostrando suas diversificações em um contexto social. Nos baseamos também nos escritos de Paulo César da Costa Gomes, que aborda os aspectos sócio-culturais

dentro da Região e suas relações de interdependência, bem como consideramos a extrema importância da abordagem regional retratada por Manuel Correia de Andrade, considerando a realidade brasileira e nordestina, dando ênfase às inter-relações econômicas e sociais entre os principais centros polarizadores do Nordeste, trazendo, conseqüentemente, uma excelente base de estudos bibliográficos sobre interdependência entre lugares regionais em suas publicações.

O terceiro capítulo retrata de forma sucinta a dinâmica interna da microrregião de Sousa, considerando os seus aspectos econômicos, sociais e culturais de funcionamento.

O quarto e último capítulo trata de forma minuciosa da importância de Sousa em sua condição de cidade polo e da dinâmica da inter-relação econômica, social e cultural entre Sousa e Santa Cruz, município integrante da microrregião polarizada por Sousa, demonstrando a existente relação de interdependência entre os dois municípios.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO: A Geografia Regional e sua relação com a sociedade

A “geografia político-estatística” define o papel da geografia como sendo o de montagem do painel mais amplo e sistemático possível de uma dada conjuntura, tomando por base territorial sua unidade político-regional. A “geografia pura” assenta a tônica na unidade de base regional, sendo para ela critério, os limites naturais do terreno. (MOREIRA, 1994, p.21).

Este capítulo foi colocado enquanto condição necessária para discutirmos a importância da linha temática escolhida no contexto desta pesquisa, pois a idéia de região e regionalização foi fundamental para que entendêssemos o objeto de pesquisa, tanto na perspectiva de organização do espaço urbano entre cidades, quanto na busca de explicações lógicas de uma região como o sertão paraibano.

Pessoas, objetos e idéias fluem entre esses diferentes lugares, e entrecruzam-se através das artérias que os põem em comunicação. Uma combinação de lugares e de relações entre lugares tece uma unidade de espaço, o espaço geográfico, constituindo o espaço de existência dos homens.

Estas unidades de espaço justapõem-se, porque mesmos homens habitam diferentes unidades de espaço, e se embutem porque uma unidade de espaço inscreve-se em uma outra maior. A totalidade se compõe de uma diversidade de coisas, e é a integralidade dela que forma a existência humana. Cada pessoa tende a formar “um ‘mapa mental’ da geografia que vivemos, porque a geografia é realidade objetiva” (MOREIRA, 1994, p.57).

O objeto da geografia regional é unicamente o caráter variável da superfície da Terra - uma unidade que só pode ser dividida arbitrariamente em partes, as quais, em qualquer nível da divisão, são como as partes temporais da história, únicas em suas características (Hartshorne, 1939 apud CORRÊA, 1986, p.47).

A região, para Hartshorne, conforme Corrêa (1986), não passa de uma área mostrando a sua unicidade, resultado de uma integração de natureza única de fenômenos heterogêneos. Para a nova geografia, agora segundo o próprio Corrêa (1986), a região é definida como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares. As diferenças internas são muito pequenas, quando se pensa nelas em comparação às outras regiões.

Porém, devemos considerar que “a região em si se diversifica bastante, no tempo e no espaço, de acordo com o maior ou menor desenvolvimento” (ANDRADE, 1987, p. 43). A

idéia de região aparece, então, como uma idéia fundamental ligada à vida em grupo e é nesse princípio que se fundamentam as pesquisas em Geografia Regional, tornando-a essencial para a compreensão e o entendimento dos modos de vida (ou ‘das relações humanas’) e da sociedade como um todo articulado.

2.1 - Relações geoeconômico e sociais em um contexto regional

Desde o final do século XX, o capitalismo tem sido o modo de produção vigente em todos os sistemas econômicos da maioria esmagadora das nações em todo o mundo. Sobre elas ele impõe sua força, influenciando diretamente nos seus moldes de organização sociais, desde as grandes metrópoles até às pequenas localidades regionais e na estrutura interna destas. Sob o capitalismo o trabalho define-se como processo de produção de mercadorias e os homens não comem, não se vestem e não habitam se não entram no mundo colorido das mercadorias. E a porta de entrada é a sua própria incorporação ao circuito mercantil. No modo mercantil simples:

[...] os homens produtores são os donos das forças produtivas como um todo, de sua força de trabalho como das condições materiais de trabalho. A capacidade produtiva, todavia, é menor por força de um nível de desenvolvimento de forças produtivas bem mais inferior. Produz-se valores de uso, não valores de troca (mercadorias), que suprirão as necessidades familiares em primeira instância. As sobras são postas no mercado (MOREIRA, 1994, p.83).

Ao se estudar uma região ou até mesmo um país, sobretudo os de grande extensão territorial, observa-se a existência de desníveis econômicos entre as várias áreas de seu território e, muitas vezes, ressentimentos e rivalidades políticas. Existem, assim, diferenças entre as várias regiões de um país. Estas diferenças resultam, muitas vezes, das desigualdades de desenvolvimento econômico através das quais as áreas mais desenvolvidas controlam a atividade industrial, consumindo matérias-primas das áreas menos desenvolvidas e absorvendo mão-de-obra mais barata. Cria-se assim, uma situação de dominação, de vez que as áreas mais desenvolvidas adquirem as matérias-primas a preços baixos e vendem seus produtos a preços elevados. Estas causas econômicas provocam ressentimentos que dão origem a rivalidades regionais.

Partindo do conceito econômico de espaço, F. Perroux (apud ANDRADE, 1990) admite que ele possa ser encarado sob dois ângulos: a) o espaço econômico como conteúdo de um plano; b) o espaço econômico como um conjunto homogêneo. Daí em consequência, os três tipos de regiões econômicas: a) a região plano; b) a região polarizada; c) a região homogênea. Seu discípulo, Jacques Boudeville (apud ANDRADE, 1990), salienta que a região homogênea corresponde ao espaço contínuo em que cada uma das partes que o constituem apresenta características que a aproximam umas das outras. Para ele, a idéia da região polarizada, ao contrário, resulta da observação da interdependência existente entre várias áreas.

Considerando as relações geoeconômicas simples dentro de uma Região Geográfica, segundo Guerra (1993), podemos ter diferentes recursos naturais básicos e, de acordo com o grau e cultura do grupo humano, diferentes atividades econômicas de uso da terra - extrativismo vegetal, animal, mineral; agricultura rotineira ou com avançado aparato tecnológico, o mesmo ocorrendo com a pecuária; indústrias, comércio e serviços em geral, entre outros. Todos esses dados são fornecidos pela Geografia das Regiões. Não se trata de fatos ou elementos isolados, mas correlacionados dentro das Regiões. Estudá-los, pois, de maneira separada, poderemos limitar o nosso campo de observação e contribuir para uma análise/interpretação deformada, estanque, superficial e pouco precisa.

[...] os processos internos de diferenciação e a difusão dos processos de mudança deram-se de modo desigual. (...) o aparecimento da divisão social do trabalho, da propriedade da terra, dos meios e das técnicas de produção, das classes sociais e suas lutas, tudo isto se deu com enorme distância em termos espaço-temporais, levando a uma diferenciação intra e intergrupos. Do mesmo modo, a difusão dos processos de mudança fez-se desigualmente, reforçando a diferenciação de áreas. (CORRÊA, 1986, p.43).

Uma vez iniciada a difusão do processo de regionalização, de diferenciação de áreas, via contatos comerciais, migrações e conquistas, esta assume ritmos distintos. Pelo processo de regionalização, na medida em que a história do homem acontece, marcada pelo desenvolvimento das forças produtivas, pela dinâmica da sociedade de classes e de suas lutas, o processo de regionalização torna-se mais complexo. O processo de regionalização retalha ainda mais o espaço ocupado pelo homem em numerosas regiões, e concomitantemente, as integra.

Para Corrêa (1986), no capitalismo, as regiões de planejamento são unidades territoriais através das quais um discurso da recuperação e desenvolvimento é aplicado. Trata-se, na verdade, do emprego, em um dado território, de uma ideologia que tenta restabelecer o equilíbrio rompido com o processo de desenvolvimento. No capitalismo as desigualdades regionais constituem, mais do que em outros modos de produção, um elemento fundamental de organização social. A região sob a intervenção planejadora passa a ficar sob maior controle do capital e de seus proprietários.

2.2 - Relações sócio-culturais decorrentes da condição de interdependência entre os lugares regionais

A geografia foi o campo privilegiado destas discussões ao abrigar a região como um dos seus conceitos-chave e ao tomar a si a tarefa de produzir uma reflexão sistemática sobre este tema. (GOMES, 2005, p.52)

O espaço geográfico é um espaço produzido pelo espaço do trabalho, para servir à sua repetição, para servir à reprodução da produção. Esse espaço geográfico teria existência efêmera se a produção não fosse reprodução. O processo de desenvolvimento em si, é um processo de acumulação. Para Moreira (1994), o processo de evolução, de desenvolvimento das sociedades humanas é o armazenamento ampliado de um arsenal de “coisas” produzidas.

Quando a reprodução se dá sempre nas mesmas proporções, ela é simples. Sob a forma de fábricas, plantações, estradas, construções, fluxos de produção e homens, o espaço geográfico revela, como numa fotografia, o processo do trabalho. Sob a forma da densificação das fábricas, plantações, estradas e fluxos, o espaço revela a acumulação.

Conforme nos adverte Andrade (1988), ao abordarmos o problema regional, devemos fazer uma distinção entre o nacional e o regional. O Brasil não apresenta certa uniformidade étnica e cultural. Admitimos assim que no Brasil não existe propriamente uma questão nacional - salvo talvez no dos indígenas não-aculturados, - mas há uma questão regional, sobretudo territorial, de vez que os desníveis e as desigualdades entre as regiões não vêm sendo corrigidos, ao contrário, vêm sendo acentuados com a expansão do modo de produção capitalista por todo o território nacional. A questão regional se modifica, mas as diferenças de desenvolvimento se acentuam e o processo de espoliação das regiões mais pobres torna-se cada vez mais intenso.

Segundo essa perspectiva, conforme Gomes (2005), novas regionalizações foram então estabelecidas tendo em vista os diferentes padrões de acumulação, o nível de organização das classes sociais, o desenvolvimento espacial desigual etc. Santos (1978 apud GOMES, 2005) o reforça quando considera que a região é, pois, nesta perspectiva, a síntese concreta e histórica desta instância espacial dos processos sociais, produto e meio de produção e reprodução de toda a vida social.

A observação social nos revela as condutas estereotipadas que constituem os papéis; estes são assumidos progressivamente pelos indivíduos, cuja personalidade encontra-se assim em parte modelada; a combinação dos papéis no interior dos grupos, sua distribuição nas coletividades revelam os contornos da sociedade. É, pois, em consequência, sobre os aspectos de conjunto da vida social que debruça-se a análise dos papéis _ e, por isso, _a compreensão da distribuição dos homens, de suas características e de suas atividades. (Claval, 1974: 150 apud SILVA, 1991, p.24).

O modo de vida realiza-se como localização de um conjunto complexo de dados culturais e de relações humanas, que definem um equilíbrio em processo. A permanência das relações no funcionamento (ou no movimento), considerando o funcionamento um caso particular do movimento de relações em interação, determinam o sistema social. Elementos sociais como o modo de ser do entorno, apresentam-se como determinação, ou seja, uma inércia das relações.

2.3 - Cidade polo e relações de interdependência entre centro e periferia, atreladas às relações cidade-campo

A exploração urbana está fundamentada na extração de excedentes alimentares pela elite cidadina, garantindo-se assim a existência da cidade. Esta, por sua vez, garante a reprodução do sistema social através da ideologia e da força. Cidade e campo são dois mundos distintos mas interligados na exploração do segundo pela primeira (CORRÉA, 1994, p.56).

Ao analisarmos as relações interurbanas ou entre a cidade e sua região, precisamos considerar e incluir nesta análise as relações intra-urbanas (relações centro/periferia, sobretudo), complementadas pela análise das relações cidade-campo, que estão diretamente atreladas à dinamicidade dos fluxos entre o polo e sua área de influência.

Segundo Fremónt (1980), as Regiões Fluidas apresentam baixas densidades e são aquelas em que as relações entre os homens e os lugares são dinâmicas e instáveis, seja porque as implantações pertencem a um passado próximo, seja porque as migrações não

param de cessar. Para ele, a sobre-imposição das estruturas funcionais da economia mercantil ameaça a estabilidade das Regiões Fluidas. Em contraponto, ele inclui em sua abordagem as Regiões Enraizadas, explicando que o termo enraizamento implica essencialmente um quadro de civilizações rurais que apresentam certo tipo de relações entre si e entre os lugares.

Quando temos fluxos e inter-relações de ordem socioeconômicas e culturais dentro de um espaço, este pode ser considerado um “espaço funcional”. O espaço funcional, segundo E. Juillard (apud Frémont, 1980), é organizado pela hierarquia dos centros de polarização, isto é, pela rede de cidades. A “região funcional” corresponde à organização do espaço da sociedade industrial, chegada ao seu mais alto grau de crescimento, quer dizer, de uma sociedade que atribui à “função” o nível mais alto na hierarquia dos valores. O espaço funcional, em pleno florescimento, só se encontra atualmente nos países que adotaram mais resolutamente as normas da sociedade industrial.

Grande parte desta perspectiva surge com a valorização do papel da cidade como centro de organização espacial. Desta forma, as cidades organizam sua área de influência e organizam também outros centros urbanos de menor porte, em um verdadeiro sistema espacial. Toda uma escola de geografia se dedicou, pois, ao estudo do que ficou conhecido como de “regiões polarizadas”, ou seja, de um espaço tributário, organizado e comandado por uma cidade. Gomes (2005) afirma que na geografia moderna, a cidade faz a região.

Para Corrêa (1986), as regiões funcionais são definidas de acordo com o movimento de pessoas, mercadorias, informações, decisões e idéias. Identificam-se regiões de tráfego rodoviário, fluxos telefônicos ou matérias-primas, migrações diárias para o trabalho e influência comercial das cidades. A região torna-se assim, uma classe de área constituída por diversos indivíduos similares entre si.

As cidades - onde vivem os proprietários de terras, que detêm, ao mesmo tempo, o poder administrativo, ao lado de grupos de comerciantes e operários, atraídos pela concentração geográfica da produção dos campos circunvizinhos - só agrupam uma parte bastante pequena da população: menos de 30%, e até menos de 10% (GEORGE, 1971, p.19).

Entendemos assim que, além do despovoamento rural e da migração de novas populações do campo e de aldeias medianas para as médias e grandes cidades, o crescimento destas tem grande contribuição do modo de produção e de organização que se desenvolveram nestes sistemas urbanos ao longo da história.

Decorrem desses fatos novos sistemas de relações econômicas entre as cidades e o meio rural. As cidades tornam-se grandes centros de consumo de produtos que não são por ela elaborados, os produtos agrícolas, que devem ser colhidos

freqüentemente a grandes distâncias. A existência desse novo tipo de mercado, estritamente localizado, facilita as especializações agrícolas regionais e faz aumentar a parte da renda em espécie na economia rural. Esta torna-se freguesa dos produtos fabricados nas cidades. A organização comercial, preparada na cidade para a coleta e distribuição dos produtos de consumo de origem agrícola, reflete-se no campo, aí organizando a repartição e a distribuição de todos os produtos, inclusive os produtos da terra. Esta distribuição constitui um setor importante do equipamento agrícola e rural, que é tanto mais necessário quanto se sabe que o aumento do consumo dos produtos agrícolas traz maior esforço de produção. (GEORGE, 1971, p.108).

Não podemos, portanto, desprezar as relações entre a cidade e o campo, ou entre as médias e grandes cidades e as pequenas cidades rurais, que mantêm relações estreitas de interdependência, em termos de suprimento de suas necessidades, realizando suas trocas em suas relações econômicas e sociais.

Chegamos, finalmente, a um mundo onde, melhor do que em qualquer outro período histórico, podemos falar de espaço total. O espaço total é o espaço mundialmente solidário, mesmo que as transformações espaciais se devam à intervenção simultânea de redes de influência operando simultaneamente em uma multiplicidade de escalas e níveis desde a escala mundial até a escala local. (Santos apud SILVA, 1991, p.85).

Voltando esse conhecimento à realidade da nossa pesquisa, foi com base nas diferenças existentes no território brasileiro que uma divisão oficial do país em grandes regiões seria feita em 1941 (GUIMARÃES, 1941) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), criado pelo Governo Vargas durante o Estado Novo. Esta divisão regional levava em conta, sobretudo, as condições naturais (estrutura geológica, relevo, hidrografia, clima e vegetação natural), mas procurava fazer com que os limites regionais coincidissem com os limites estaduais.

Hoje, os critérios adotados para a realização desta pesquisa se tornaram insuficientes, uma vez que consideravam apenas os aspectos físicos e naturais do território brasileiro, sem fazer alusão ao homem, agente modificador e construtor do espaço geográfico.

No caso da Ciência Regional, a existência da “coisa” é, mais clara; há, com efeito, uma relação, facilmente perceptível na realidade, entre o espaço e as atividades humanas. (Mota apud ANDRADE, 1987, p.17).

Deve-se levar em conta ainda que a questão regional deve ser tratada como um processo, uma vez que uma área marginalizada, esclerosada, decadente, pode ser reativada e se desenvolver em consequência de transformações econômicas e sociais.

A evolução dos transportes e das comunicações tem sido responsável pela profunda modificação na relação espaço-tempo e, por conseguinte, na configuração regional. Para Gallais (apud FRÉMONT, 1980), a aproximação de certa paisagem natural e das marcas humanas que nela se inscrevem constitui o exercício da base da geografia regional.

2.4 - Materiais e Métodos

Para melhor caracterização da microrregião de Sousa e analisar a dinâmica dos municípios de Sousa e Santa Cruz, fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliográfica baseada em metodologia que consistiu em revisão literária, aquisição de registros fotográficos, informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através de artigos, livros e imagens da internet. Para maior ampliação da pesquisa realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com parte da população local.

A observação direta da paisagem foi importante base para a construção do estudo e o enfoque foi definido a partir de uma análise comparativa entre os elementos que se diferenciam no espaço geográfico nos municípios do foco da pesquisa. Nesse contexto a pesquisa empírica foi definida a partir de dez (10) trabalhos de campo, realizados em motocicleta (moto-táxi), ônibus e a pé, para reconhecimento das áreas de Santa Cruz/Sousa e suas diferenciações geográficas em relação aos estudos feitos bibliograficamente e a pesquisa empírica propriamente dita.

O registro fotográfico foi um meio escolhido para referendar a pesquisa, mas uma imagem fora cedida pelo professor José Francisco da Silva Neto, feita através de ultraleve, bem como imagens extraídas de álbum documentário “Além do Rio” (FERRAZ, 2004), que expressa a história documentária de Sousa.

A base cartográfica também foi importante e alguns mapas foram utilizados para identificação e localização da microrregião de Sousa no contexto da Paraíba. Estes documentos cartográficos foram adquiridos através da Prefeitura de Sousa e também comprados no comércio local.

Foram realizadas algumas entrevistas semi-estruturadas e gravadas a partir de moradores da microrregião de Sousa com o auxílio de um equipamento de MP-4. As pessoas escolhidas estão representadas em diferentes esferas da sociedade, desde aposentados, até comerciantes, autônomos, donas de casa, estudantes, servidores públicos, entre outros. As entrevistas estiveram diretamente relacionadas com pessoas que freqüentam o comércio e feira livre, rodoviária, ruas principais, avenidas e bairros. As entrevistas foram estruturadas a partir de diálogos com as pessoas que se encontravam na rodoviária municipal, nas praças, na feira e no comércio, entre outros pontos do espaço urbano.

A partir da pesquisa bibliográfica na Biblioteca da UEPB, acervos particulares, revistas e dados de relevância para a pesquisa em sites eletrônicos da internet, foi constatada a recorrente falta de publicações especializadas para a questão local e microrregional, com destaque apenas para o álbum documentário sobre as origens de Sousa, intitulado “Além do Rio – uma fotografia da paisagem urbana” (2004). Esse trabalho resgata uma história que veio de 1854 até o ano de 2004. Outro importante documento encontrado na base de pesquisa foi a agenda da prefeitura de Sousa, com diversos temas relativos ao turismo, atividades socioeconômicas e a dinâmica da vida urbana e rural em Sousa.

Como já relatado na introdução que meus familiares são de Santa Cruz e foi neste local que vivi grande parte da minha vida, foi fundamental considerar minha própria memória enquanto autora, bem como a busca por relatos dos familiares, amigos e amigas com as quais partilhei um importante momento da pesquisa. Os laços afetivos pela cidade não embaçaram meu olhar de pesquisadora, pois a análise comparativa entre Santa Cruz e Sousa me permitiram compreender a dinâmica regional de uma cidade polo, como é o caso de Sousa.

3. A MICRORREGIÃO DE SOUSA E SUAS RELAÇÕES INTERNAS: ECONOMIA, SOCIEDADE E CULTURA

Analisando as relações sociais realizadas em rede e considerando a realidade paraibana e sertaneja, é impossível desvincular dessa análise a organização e os movimentos dentro das microrregiões, funcionando em ritmo e fluxo constante. Dentre as várias microrregiões do sertão da Paraíba, a microrregião de Sousa tem grande importância em termos econômicos, sociais e culturais em sua dinâmica interna. Esta análise prende-se às relações entre os municípios de Sousa e Santa Cruz, sendo este último, um dos municípios polarizados e influenciados pelo primeiro (Figura 1):

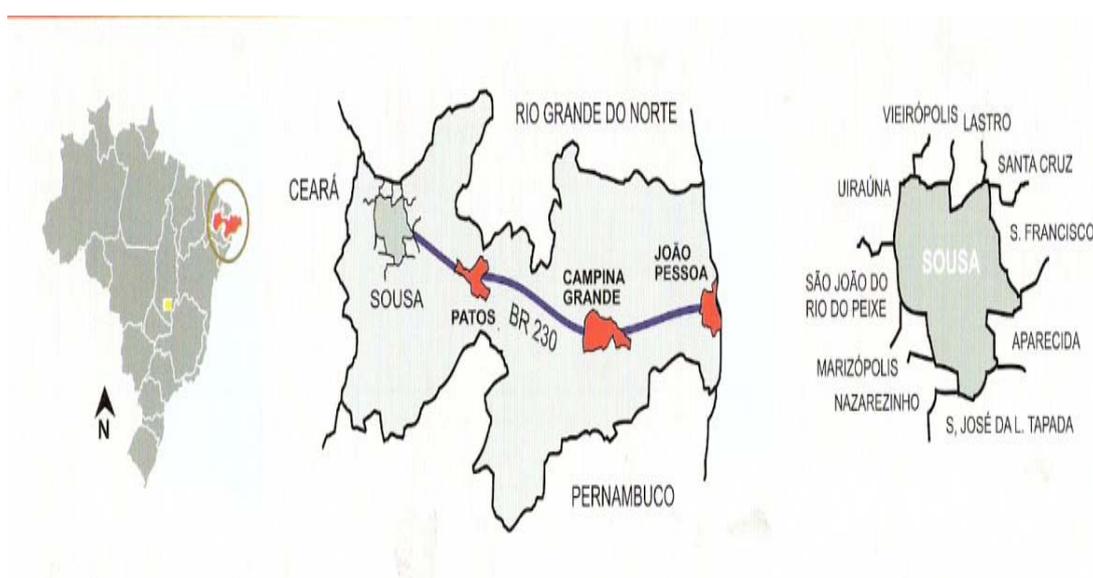


Figura 1- Localização da área de estudo, destacando-se o mapa da Paraíba, o município de Sousa e sua área de abrangência. Fonte: Agenda Municipal - PMS 2004-2005

Geograficamente, o município de Sousa se localiza a 220m de altitude, em coordenadas geográficas de $6^{\circ}45'33''$ de latitude sul, e $38^{\circ}13'41''$ de longitude oeste. Limita-se ao sul com os municípios de Nazarezinho e São José da Lagoa Tapada, ao norte com os municípios de Santa Cruz, Lastro, Vieiraópolis e Uiraúna, a oeste com os municípios de São João do Rio do Peixe e Marizópolis, e a leste com os municípios de Aparecida e São Francisco. Representa 1,37% da superfície total do estado, sendo o 5º em território, com uma área de 739 km², enquanto que o estado possui uma área de 56.469,466 km². (IBGE, 2007/2010)

O município de Santa Cruz possui uma área de 210 km², encontra-se localizado a 6° 35'59'' de Latitude Sul e 38° 3' 43'' de Longitude Oeste, estando a sua sede a 314m de altitude. Distante da capital 358,8 km, faz fronteira com o Estado do Rio Grande do Norte e com os municípios de Lastro (14km), Sousa (34km), São Francisco (16km), Pombal (40km), Lagoa (17,5km) e Bom Sucesso (17km). Santa Cruz possui uma população total de 6.471 habitantes, o que equivale à densidade demográfica de 23,7 hab/km². Deste total, 2.746 habitantes representam a população urbana, e 3.725, a população rural. Sua taxa de urbanização é de 42,44%. (IBGE, 2007). A estimativa de sua população para o ano de 2009 foi de 6.667 habitantes, segundo atualizações recentes. (IBGE, 2009) Vê-se que houve uma elevação pouco significativa da população do município em dois (02) anos (Figura 2):



Figura 2 – Vista aérea da sede do município de Santa Cruz. Foto: José Francisco da Silva Neto, 2007.

Essa importante imagem aérea nos dá uma visão panorâmica da área urbana e entorno rural da cidade de Santa Cruz, em pleno sertão paraibano, uma cidade com aproximadamente meio século de existência, com um traçado espontâneo em sua parte central, seguida por novos espaços urbanos, com traçados de planejamento relativos aos conjuntos habitacionais que localizam-se no mesmo sítio urbano local.

A emancipação política de Santa Cruz ocorreu em 1960, quando este deixou de ser distrito de Sousa e foi elevado à condição de município. Em 1918 foi nomeado o Sr. João Antônio de Oliveira para o Posto Fiscal do Estado, no lugar chamado de Tabuleiro Formoso, pertencente ao Município de Sousa. Foi o início do município. Já em 1921 foi criada uma feira que proporcionava aos moradores da região, a comercialização de seus produtos e aquisição de mercadorias em geral.

A capela foi erguida em 1922, seguida do mercado público e de várias casas ao redor da capela. No ano de 1923, Nestor Antunes de Oliveira fez a doação ao Sagrado Coração de Jesus, por instrumento público, de uma quadra de terras com 120 metros de frente e fundos, por 200 metros de comprimento dos lados e foi construída a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, ao redor da qual se iniciou uma urbanização mais organizada. Em 1949 foi elevada à condição de Distrito, pertencente ao município de Sousa e sua emancipação política se deu, definitivamente, em 29 de dezembro de 1961 (SMPS, PMSC, 2007).

As terras do sertão paraibano começaram a ser desbravadas a partir do século XVI e foi exigido um grande esforço por parte dos exploradores sertanistas, devido à distância do litoral. Segundo Ferraz (2004), em 1691, foi descoberto o riacho “Peixe” pelo sertanista Sargento Mor Antônio José da Cunha, lugar que estava habitado pelos índios Icó Pequeno. A primeira sesmaria foi pleiteada em 1708 por José da Cunha e a partir daí outros sertanistas também se instalaram formando fazendas.

Em 1723 o território passou a pertencer à Casa da Torre da Bahia e os sacerdotes Francisco e Teodósio de Oliveira Ledo tornaram-se senhores dos vales dos rios do Peixe e Piranhas. A ocupação e habitação aconteceram vagarosamente, ocorrendo a produção da agricultura e pecuária, chegando nesse momento a contar com 780 habitantes.

A fertilidade atraiu moradores interessados no cultivo das terras. Assim, desenvolvia-se o povoado que, em 1730, já contava com 1.468 habitantes, segundo informações do Cabido de Olinda. Esse crescimento chamou a atenção de Bento Freire que, residindo na Fazenda Jardim, tomou a iniciativa de organizar um povoado. Bento Freire pleiteou uma concessão a fim de obter da Casa da Torre a doação da sesmaria, e ergueu entre 1730 e 1732, a primeira capela em louvor a Nossa Senhora dos Remédios, tornando-se o primeiro administrador do patrimônio da “Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios do Jardim do Rio do Peixe” elevando-o a povoado.

O povoado do Jardim do Rio do Peixe foi elevado à categoria de Vila por decisão do Reino em 22 de julho de 1766. No dia 4 de junho de 1800 o Ouvidor Geral da Silva Coutinho instala, oficialmente, a Vila Nova de Sousa através da Resolução de Julho de 1854, em que a Vila de Sousa foi elevada à categoria de cidade passando, na oportunidade, a denominar-se “Sousa”.

Segundo o historiador Deusdedit Leitão (apud FERRAZ, 2004), a denominação Vila Nova de Sousa tem sua origem em uma povoação portuguesa pertencente ao Porto, distrito de Gondomar, coincidentemente na mesma região de origem do Capitão-Mor José Gomes de Sá e Bento Freire de Sousa, nascidos em São Miguel de Botelho de Penafiel, Bispado de Porto, Portugal.

Com a construção da atual Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, na década de 80 do século XIX, a Capela passou para o domínio da Irmandade do Rosário dos Pretos formada por negros cativos da Acauã, recebendo a denominação de Igreja do Rosário dos Pretos. Essa Confraria celebrava, anualmente, a festa de sua Padroeira, cerimônias da Semana Santa, do Rosário e Dia de Finados com seus reizados e penitências enquanto recitavam salmos e orações, atraindo grande número de pessoas das áreas circunvizinhas.

Sousa sempre foi a primeira cidade da região a receber as “novidades” do mundo moderno. Segundo Ferraz (2004), no ano de 1923, o primeiro automóvel em Sousa foi adquirido pelo Cel. Emídio Sarmiento em 1917. O veículo foi adquirido em Recife, transportado de trem até Campina Grande e de lá trazido para Sousa pelo motorista Rubens Cavalcante trafegando por estrada carroçal na Serra da Viração. Em 1937, chegou à Sousa uma moto Harley Davidson importada da Inglaterra. A primeira moto em Sousa foi trazida por Eládio Melo em 1929. Eládio também trouxe as primeiras bicicletas.

Conforme nos conta Ferraz (2004), em 1926, foi inaugurada a Estação Ferroviária da Rede Viação Cearense (RVC) com o primeiro trem que chega à Sousa inaugurando a Estação na administração de João Albino Gomes de Sá, fazendo o percurso com passageiros entre Sousa e Fortaleza, o que foi fator de grande importância, impulsionando o crescimento da cidade e aumentando ainda mais seu poder de influência sobre as localidades menores de seu entorno. Anos antes, José Gomes de Sá interveio junto ao Governo Federal para alterar o traçado da Ferrovia para que Sousa fosse beneficiada. Atualmente, a Estação está arrendada à CFN- Cia Ferroviária do Nordeste fazendo, apenas, transporte de produtos como ferro, grãos e equipamentos.



Figura 3 - Inauguração da Estação Ferroviária da Rede Viação Cearense, em 1926. Fonte: Além do Rio, fotografia documental, 2004

Segundo Andrade (1992), nos países da América Latina foram construídas várias ferrovias, quase sempre exploradas por capitais ingleses, ligando os portos às áreas produtoras de minérios e de produtos agrícolas tropicais. As estradas de ferro no Brasil foram construídas a partir da segunda metade do século XIX. As rodovias desenvolveram-se no século XX, graças à utilização do automóvel no transporte de passageiros e do caminhão no transporte de cargas. A princípio, os transportes rodoviários não foram utilizados para as grandes distâncias e sim como complementares da rede ferroviária, transportando pessoas e mercadorias até as estações e dessas ao local de destino. Segundo Ferraz (2004), Sousa foi adquirindo relativa importância junto aos meios sociais e políticos, devido ao aumento gradativo de sua população, e em meados da década de 1930, já era considerado um centro importante. O aeroporto do DNOCS foi construído em 1936 para o pouso de pequenas aeronaves, junto com as obras do Perímetro Irrigado de São Gonçalo. Em 1949, o então presidente Eurico Gaspar Dutra visita Sousa.

Na mesma década de 30, conforme Ferraz (2004), foi inaugurado o complexo Hídrico de São Gonçalo, que foi iniciado em 1919 no governo de Epitácio Pessoa e concluído em 1936 no Governo de Getúlio Vargas pelo antigo IFOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas). O projeto, originalmente feito por americanos, teve inúmeras falhas e foi alterado no curso da obra.

Reconhecido como ponto turístico, a sede do Complexo onde está o açude, conta com o hotel e restaurante “Catete” construído na década de 30, palco da visita de autoridades como o ex-presidente Getúlio Vargas durante a construção do Perímetro. Em 1932, iniciou-se o funcionamento dos serviços nos canais em início dos trabalhos de experimentação e preparação do solo para implemento da agricultura irrigada. Em 1957, foi inaugurada a Escola Agrotécnica Federal de Sousa, o que representaria um marco no ensino aplicado a atividades agropecuárias para os jovens da região.

Algumas datas e acontecimentos ocorridos no município atestam a relativa importância que Sousa vinha tomando com o decorrer do tempo. Entre elas, conforme relata Ferraz (2004), destacam-se em 1940, a visita do Presidente Getúlio Vargas ao Acampamento Federal de São Gonçalo por ocasião da inauguração do Instituto Experimental da Região Seca, tendo sido este, em pouco tempo, o mais importante centro experimental agrícola do Nordeste.

Já em 1936, houvera a inauguração do Açude de São Gonçalo que, em sua construção, se envolveram técnicos e engenheiros do Brasil e do exterior, transformando a realidade natural e social do município e elevando seu grau de importância. A influência deixada à época de sua construção pelos moradores estrangeiros persiste até hoje. Desde as décadas de 30 e 1940, persiste a Rua 16, assim denominada devido às 16 casas construídas em estilo americano com recuo e sem muros para servir de residência aos engenheiros e técnicos responsáveis pela construção do açude.

A partir do século XVIII, segundo Souza; Lins (1997), a produção de algodão mostrava-se altamente promissora, tanto para o grande como para o pequeno proprietário. A possibilidade de lucro devido ao preço desse produto naquele momento fez com que milhares de hectares de caatinga fossem submetidos ao sistema tradicional de queimadas, a “coivara”, abrindo espaço para o novo produto. Sob a influência do algodão as cidades sertanejas cresciam, sendo dessa época, inclusive, a criação da estrada de ferro que liga o interior ao porto de Cabedelo, no litoral.

A cidade de Sousa, devido ao beneficiamento do algodão do vale do Rio do Peixe e pelo fato de ter sido um entroncamento ferroviário, contribuiu para que ali se instalassem estabelecimentos industriais, tornando-se um dos centros de concentração de indústrias do Estado. (RODRIGUEZ, 1997) “De 1850 a 1930 observa-se uma verdadeira febre de ferrovias, (...) que traziam aos portos do litoral os produtos do interior.” (ANDRADE, 1977).

A importância do escoamento da produção para os portos era tal, que segundo Andrade (1977), dentre as cidades do interior, aquelas que passaram muitos anos como pontos terminais das estradas de ferro de penetração se desenvolveram mais que as outras, tornando-se quase sempre polos regionais e sub-regionais.

No município de Sousa se cruzam as linhas férreas que faziam as rotas de João Pessoa ao Ceará e de Sousa à Mossoró, no Rio Grande do Norte. Esta rota para o Rio Grande do Norte cruzava justamente o município de Santa Cruz, sendo a única estrada de ferro a cortar o sertão paraibano no sentido vertical, o que aproximou bastante os fluxos de pessoas e mercadorias entre Sousa e Santa Cruz, nascendo já aí, uma relação de interdependência, que apesar de tímida, já estava sendo constituída.

Na segunda metade do século XX, a rodovia vem auxiliar a ferrovia no transporte de pessoas e cargas, o que tornou os fluxos ainda mais intensos entre Sousa e suas áreas vizinhas, transformando-a em uma verdadeira cidade polo, determinando a forma das relações e o ritmo dos fluxos de pessoas e mercadorias em torno de si.

Sousa e a região por ela polarizada contribuíram com pequena parcela da produção do algodão brasileiro exportado para a Europa (principalmente), o que foi de grande importância para o crescimento econômico e social da região. Isso só foi possível graças às condições de escoamento da produção proporcionadas anteriormente, pela ferrovia e em seguida, pela rodovia BR-230, que foram instaladas e construídas na região, respectivamente.

A SUDENE, em documento de sua Assessoria Técnica de fevereiro-março de 1966, conforme Andrade (1977), levando em conta o crescimento demográfico entre 1940 e 1950, os equipamentos de transportes (ferrovias, rodovias e aeroportos), da rede bancária, dos estabelecimentos industriais e etc, admitiu a existência de “manchas” onde se localizariam possíveis polos e Sousa aparece nesse documento como um polo em potencial.

Outro importante propiciador para o crescimento de Sousa como centro polarizador da microrregião, como já citamos, foi a construção do Açude de São Gonçalo e seu Posto Agrícola, idealizado pela Inspetoria de Obras Contra as Secas. Segundo Xavier (1989), a constituição e o desenvolvimento do distrito de São Gonçalo, pertencente a Sousa, adquiriu importância jamais esperada por seus idealizadores, em suas atividades no Posto Agrícola.

Teve início, em maio de 1937, segundo Xavier (1989) a instalação em São Gonçalo, do centro experimental destinado à solução dos problemas da lavoura irrigada no Nordeste, aproveitando-se as edificações do Posto Agrícola, que se transformaria numa das seções

daquele centro, e as do acampamento do açude. Sendo assim, Sousa passou a monitorar toda a produção da região, auxiliando os agricultores, ao mesmo tempo em que os mantinham subordinados ao auxílio e orientação dos atravessadores residentes em Sousa.

Assim, desde o início do século XX até meados deste, Sousa experimentou um relativo crescimento em sua importância como centro urbano e polarizador de sua área de influência, propiciado pela cultura do algodão e o escoamento de sua produção pela estrada de ferro e mais tarde, pela BR-230 e pelo trabalho desenvolvido pela Inspetoria de Secas no Posto Agrícola de São Gonçalo, através da cultura irrigada (XAVIER, 1989). É certo que outros fatores existiram, porém com menor importância e que não determinaram de fato, com o crescimento da região. Apenas estão inter-relacionados, sendo impossível dissociá-los do processo dinâmico do desenvolvimento regional.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: A cidade de Sousa e sua importância em condição de cidade polo.

A idéia de região polarizada, (...) resulta da observação da interdependência existente entre várias áreas, (...) devido à irradiação da influência comercial das aglomerações urbanas. O poder de atração que uma cidade exerce em torno da área que a cerca, conseqüente das transações comerciais que realiza com as áreas rurais, provoca a formação de áreas de influência e, em conseqüência, regiões polarizadas. (ANDRADE, 1987, p.45).

Como vimos, a cidade de Sousa teve seu desenvolvimento efetivamente acelerado por volta das décadas de 1940, 1950, 1960 até 1970, propiciado pelo chamado “ciclo do algodão.” Com o significativo crescimento desse setor, como já citamos, foram instaladas uma ferrovia e alguns anos depois, a rodovia federal BR-230 que a liga à BR-116 no Ceará e ao porto de Cabedelo, acelerando o processo de escoamento da produção, que se destinava ao abastecimento das indústrias têxteis européias e do sul do Brasil.

Com isso, as estruturas sócio-econômicas, equipamentos urbanos e os fluxos deles decorrentes foram se desenvolvendo ao longo desse tempo, até atingir o estágio atual, gerando uma situação de interdependência econômica, cultural e social dentro da microrregião, transformando Sousa em um polo de atração e influência sobre toda a área de seu entorno.

Atualmente, Sousa comanda oito (08) municípios, ou seja, 5,71% da área do Estado, com densidade de 74,1 hab/km² e uma população de 65.930 habitantes, ocupando o 6º lugar no Estado em número de eleitores e em população, o 4º lugar em termos de fluxos e em saúde, representando 5,03% da força percentual de polarização comercial. Sendo assim, ocupa o 4º lugar em força de polarização geral, o 6º em comércio e o 9º em indústria. (IBGE Censo 2000 e atualizações 2003/2007, com estimativas para 2010). Sua área de polarização compreende oito municípios: Aparecida, Lastro, Nazarezinho, Marizópolis, Santa Cruz, São Francisco, São José da Lagoa Tapada e Vieirópolis (RODRIGUEZ, 1997) (Figura 4):



Figura 4 - Mapa do município de Sousa, localizando a sede do município e suas principais vias de acesso. Fonte: Agenda Municipal - PMS 2004-2005

Sousa se encaixa no perfil das cidades antigas de sociedade bem estruturada e de que dispõem de boas construções, de indústrias tradicionais e de bons colégios. Uma sociedade bem estratificada, com seus equipamentos secundários e terciários (pequenas indústrias, colégios, hospitais, hotéis, bancos) relativamente bem equipados (Figura 5):



Figura 5 - Sede do município de Sousa. Foto: Além do Rio, fotografia documental - Sousa (PB), 2004.

O município de Sousa hoje ocupa a 9ª posição em arrecadação de ICMS no estado da Paraíba, com uma média de arrecadação mensal de R\$602.926,00 mensais, concentrando inúmeras entidades representativas e empresas filiadas à CDL (número total de 160). Destas 160, 71 são cadastradas em Sindicatos empresariais (Sidiempresas), e 305 em Associação Comercial e Industrial. Além destas, Sousa concentra 757 empresas varejistas, 68 atacadistas, 72 de serviços, 148 de indústrias e 09 agropecuárias (IBGE/PMS 2007; 2004-2005).

Com a expansão capitalista foram difundidos pelo interior certos serviços como o bancário, o do ensino secundário e superior, o de saúde etc, localizando em cidades de menor porte, profissionais de nível médio e superior, criando uma série de serviços e de oportunidades de trabalho para profissionais qualificados. Dentre as cidades paraibanas, algumas se destacam pela posição na hierarquia urbana, que se baseia no ramo de comércio e serviços existentes em cada centro. Sousa possui uma das atividades mais significativas do Sertão e por sua oferta de serviços, constitui foco de atração populacional.

Lins; Souza (1997) classifica Sousa como o centro sub-regional do Sertão. Como cidade polo, Sousa concentra todo o tipo de atividades de serviços e atendimentos sociais, como escolas e instituições de ensino, bancos e hospitais, estabelecimentos comerciais e hospitalares, entre outros. Esses tipos de serviços são foco de atração de pessoas que não dispõem desses serviços em suas localidades, o que permite que aumente ainda mais a concentração desses tipos de serviços em um único centro. Sendo assim, Sousa se destina a atender às populações vizinhas, em sua condição de cidade polo com vários serviços de necessidades diárias (Figura 6):



Figura 6 - Aspecto da Avenida Pres. João Pessoa, uma das mais importantes do Centro de Sousa, onde se localizam agências bancárias, colégios, hotéis, restaurantes, rádios, órgãos públicos e administrativos, como Prefeitura, Câmara Municipal, Receita Federal, Junta Comercial e etc. Foto: Daniele Ferreira Alves, 19 de Dezembro de 2009.

Montando um quadro com suas principais estruturas, teremos uma idéia de sua condição em atender às necessidades da população que a ela converge (Tabela 01):

Tabela 01 - ESTRUTURA EDUCACIONAL

	Municipal	Estadual	Particular
ESCOLAS	44	22	9
Turmas	263	349	3.075
Alunos	6.243	11.709	3.075
Professores	358	443	166

Fonte: Agenda 2004/2005 PMS

Além das instituições de ensino de nível fundamental e médio secundaristas, a cidade ainda possui instituições de nível superior e profissionalizante, como um campus da UFCG

(Universidade Federal de Campina Grande), EAFS (Escola Agrotécnica Federal de Sousa), Faculdade Monteiro Lobato, uma instituição do SESI (Serviço Social da Indústria), e SENAI (Serviço Nacional da Indústria), Centro de Treinamento de Professores, e a Fundação Breno Barreto, que disponibiliza cursos profissionalizantes.

A cidade de Sousa também se apresenta como importante centro médico e hospitalar do sertão do Estado, dando suporte a uma demanda que a cada dia só tende a crescer, atendendo não só aos seus municípios subordinados, mas a outros municípios localizados em áreas de abrangência de outros centros, como Cajazeiras, Pombal, Catolé do Rocha, além de cidades localizadas próximas, nos estados do Ceará e Rio Grande do Norte (Tabela 02):

Tabela 02 - ESTRUTURA DA SAÚDE

HOSPITAIS E CASAS DE SAÚDE	LEITOS
Hospital Regional (público)	83
Hospital de Pronto Socorro (público)	45
Hospital Santa Terezinha (particular)	65
Casa de Saúde Bom Jesus (particular)	16
TOTAL	209

Fonte: Agenda 2004/2005 PMS

Como podemos observar, Sousa detém significativos equipamentos urbanos indispensáveis ao bem-estar da população e com isto comanda toda uma rede de fluxos dentro da microrregião, influenciando no desenvolvimento dos municípios por ela polarizados. Santa Cruz, assim como todos os municípios que “orbitam” ao redor do polo, necessita dos serviços disponibilizados em Sousa, o que acentua a situação de dependência em sua condição periférica em relação a Sousa, que polariza a microrregião, determinando seus fluxos e suas relações sócio-econômicas e culturais.

Ateremo-nos, porém aqui, às relações de economia, sociedade e cultura entre os municípios de Sousa e Santa Cruz, de onde parte uma demanda de pessoas em busca de serviços que não dispõem. Todos os dias, centenas de pessoas se distanciam de suas casas e de suas localidades, para resolver problemas diversos:

“Eu vou resolver problema na advogada. Eu vou lá pra corrigir um erro, eu descobri que tava errado, com ela descobri que tava errado. E vou pra ela corrigir e diminuir o honorário que ela quer cobrar um honorário muito alto que agora que entrou em vigor, agora que essa lei entrou em vigor, de 30% e quando ela fez o negócio comigo era 20%, e agora ela quer cobrar os 30% que foi aprovado agora pros advogado. E eu vou entrar num acordo com ela pra ela manter comigo o negócio que ela fez na época, que era 20% e num tinha taxa nenhuma pra pagar e agora quer que eu pague a taxa, quer que eu pague um ano a ela de 150 reais por mês, quer que eu pague um ano cento e cinquenta por mês, e mais os 20% dos atrasado. E quem

descobriu o erro fui eu que não ia vim atrasado, fui na Justiça Federal duas vez e descobri lá e vim pra ela, descobri e levei pro coordenador do INSS pra ele corrigir. E achamo no computador de vigia lá, fiz ela mexer até achar lá. Fui pra ela porque a advogada é de Sousa, porque na época só tinha ela lá. Dotô Raimundo tava na campanha, num tava pegando esses casos e Tita queria uma taxa de cento e cinqüenta reais, e depois vinte por cento disso aí. Eu quero Dôtor Geralda, disse que num tinha taxa nenhuma e eu preferi Dôtor Geralda. E outra, eu fui aconselhada que dôtor Geralda era uma dôtor muito boa, se ela num resolvesse ninguém mais risuvia. Eu vou começar ainda, vou negociar hoje o pagamento. Vou no cartório, resolver outras coisas no cartório, vou lá pra eles me explicar como é que eu tenho que fazer, vou me informar a respeito duns documentos como é que faz escritura de venda de direito de herança, porque aqui em Santa Cruz não tem cartório competente pra isso. Vou no Banco do Brasil requerer o meu PASEP, por direito de aposentadoria especial por tempo de serviço, por idade. E eu tenho que almoçar, né? Vou almoçar em Sousa, gastar dinheiro com a passagi, gastar dinheiro com o cartório, talvez vá pegar uma moto. Sim, talvez vá fazer uma dessintometria, eu num peguei o papel com o veriador pra levar. Pronto, esqueci que era pra pegar um papelzinho com um veriador que era pra dá um desconto de trinta por cento na dessintometria óssea lá em dôtor Péricles. Clínica de radiologia só tem em Sousa. E esses exame só faz em Sousa, Santa Cruz não faz.” (Maria Doralice Ferreira de Araújo, aposentada, 64 anos).

Vemos assim que os serviços disponibilizados são mesmo diversos. E estão disponíveis porque existe uma demanda que dá suporte e ajuda a manter esses serviços localizados em apenas um centro urbano. Olhando por essa lógica, todos os habitantes que procuram os serviços disponibilizados, ajudam a construir e a manter um estado de centralização dos serviços. Sousa se torna assim, não apenas uma cidade, mas uma área e uma região de abrangência, que alcança a todos os habitantes de sua região de influência (Figura 7):

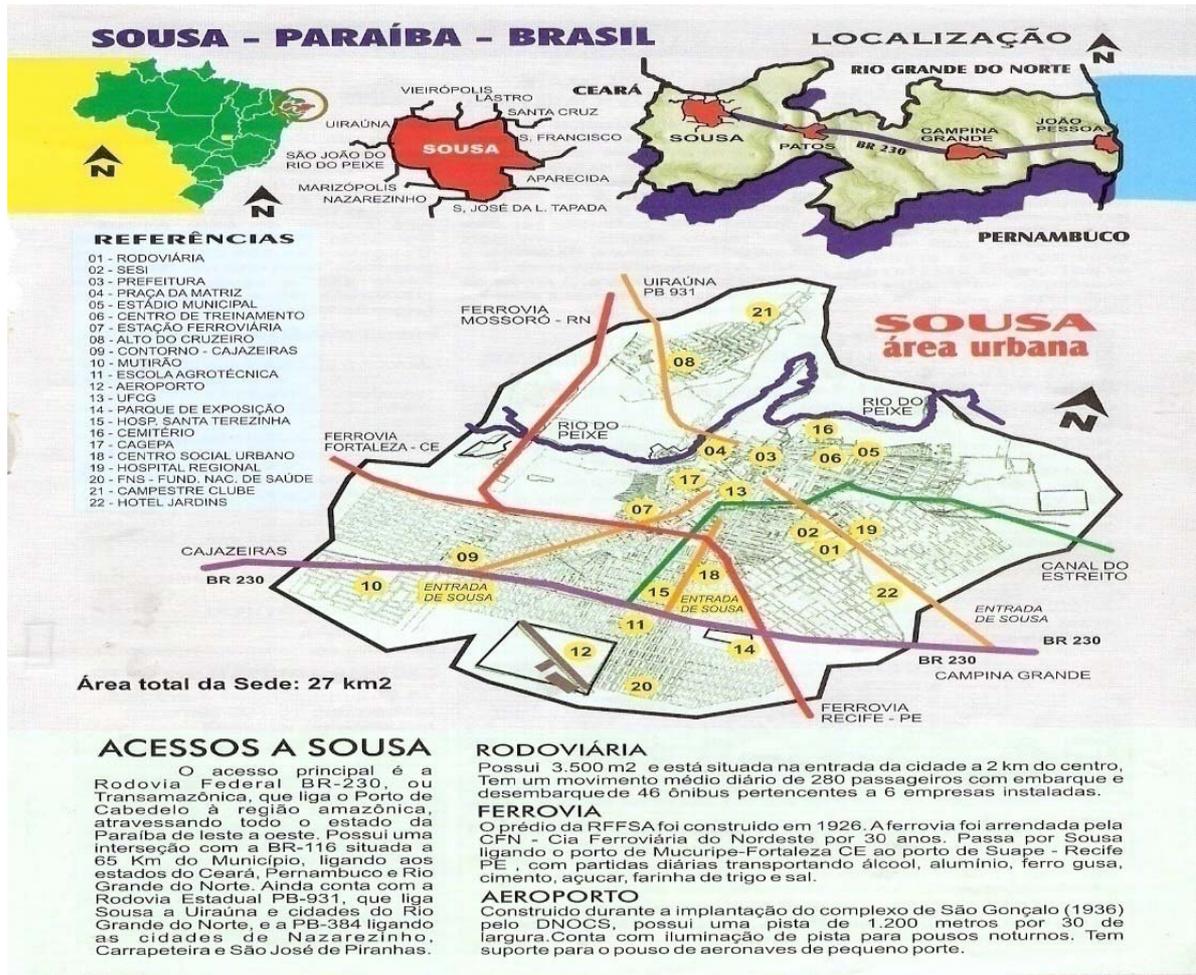


Figura 7 - Mapa delimitando a área urbana de Sousa, destacando suas principais vias de acesso e os pontos aos quais elas convergem. Fonte: Agenda Municipal - PMS 2004-2005

Podemos notar que todas as vias de acesso parecem convergir de fora para dentro, isto é, dos arredores da área urbana para o centro da cidade. A exceção é a BR-230, representada pela linha roxa, que, apesar de não convergir para o centro da cidade, têm todas as principais vias de acesso ao centro ligadas a ela. Isso nos indica que os fluxos ocorrem frequentemente de áreas distantes do centro urbano souzense, onde pessoas se deslocam dessas áreas para o centro da cidade para usufruir dos equipamentos que este dispõe, principalmente comércio e serviços. A presença dessa categoria de consumidores é, em grande parte, freguesia em trânsito (Figuras 8 e 9):



Figuras 8 e 9 - Fluxo de veículos e pessoas de outras localidades no Centro de Sousa. Foto: Daniele Ferreira Alves, 18 de Dezembro de 2009.

Essa possibilidade de fluxo constante, propiciada pelas vias de acesso (ferrovias, estradas), gera uma busca por serviços onde só podem ser encontrados em um centro urbano maior, devido à facilidade de este possuir equipamentos urbanos já pré-estabelecidos e onde há a possibilidade de concorrência dos meios de comércio e serviços, fruto da necessidade em atender à diversa procura da demanda. Isto gera diversidade de serviços e um crescimento do ritmo constante de pessoas e mercadorias, característico de um polo urbano.

Em meados da primeira metade do século XX, Sousa já era o maior centro comercial da microrregião, destacando-se a produção do binômio gado-algodão, além da policultura alimentícia, onde se sobressaía a maior produção de arroz do Estado, além do grande comércio varejista e atacadista, que supre toda uma gama de centros locais, ou, as chamadas “cidades subordinadas”, de onde se deslocam todos os dias, centenas de pessoas à procura dos serviços disponibilizados pela cidade polo. Assim funciona a dinâmica urbana de Sousa e é o que podemos observar no centro da cidade (Figura 10):



Figura 10 – Rua Cônego José Viana, no Centro de Sousa, onde há um intenso movimento comercial durante todo o dia. Foto: Daniele Ferreira Alves, 18 de Dezembro de 2009.

Sousa é ainda um dos centros de concentração de indústrias, devido ao beneficiamento do algodão do vale do Rio do Peixe e possui distritos industriais, embora todos sejam de beneficiamento de matérias-primas. Como vimos no item anterior, o fato de ter sido um entroncamento ferroviário também contribuiu para que ali se instalassem outros estabelecimentos industriais, principalmente do setor alimentar e têxtil.

É sempre minguada a importância dada às atividades agrícolas de subsistência, representadas pelas pequenas propriedades, pelos estabelecimentos agrícolas de parceiros e arrendatários e a dificuldade de escoamento da produção devido à falta de estradas e à grande distância dos centros consumidores e dos portos exportadores, fazendo com que a pequena produção não seja notada como uma alavanca na manutenção da vida urbana em suas atividades. Nesse sentido, os fluxos se fazem através das estradas recém-construídas, que ligam todos os municípios à Sousa, como cidade polo, que se tornou também um nó de entroncamento entre todos eles.

Seria um exagero dizer que Sousa comanda uma rede urbana. Seus movimentos e fluxos não são suficientes para classificá-la assim. Porém, o comportamento com que eles se fazem estão caracterizados nos conceitos geográficos de redes urbanas. No centro comercial sousense acontecem relações de todo tipo. Nele realiza-se a comercialização e o consumo dos bens produzidos em si e em sua área de abrangência. No bojo do processo de urbanização, a rede urbana passou a ser o meio através do qual produção, circulação e consumo se realizam efetivamente.

É justamente o que acontece em Sousa com as atividades do comércio. Sousa adquire parte da produção agrícola de seus municípios subordinados e os comercializa em seu próprio território. Há a existência de pontos fixos no território onde os negócios acima referidos são realizados. Tais pontos tendem a concentrar outras atividades vinculadas a esses negócios: comércio, serviços e atividades de produção industrial. A existência de um mínimo de articulação entre os núcleos anteriormente referidos é a articulação que se verifica no âmbito da circulação. Sendo assim, podemos classificá-la como um núcleo de uma rede urbana muito maior, em que Sousa, como centro desse núcleo, está inserida e classificada como integrante desta hierarquia de redes urbanas.

Sousa comanda a região, detém em seu território uma gama de serviços e funções sociais, econômicas e culturais, acentuando as diferenças entre si e as pequenas cidades e municípios por ela comandados e estando a ela subordinados. Além disso, concentra dimensões territoriais e populacionais, aumentando seu poder de atração. O tema da rede urbana tem sido abordado pelos geógrafos a partir de diferentes vias. As mais importantes dizem respeito à diferenciação das cidades em termos de suas funções, dimensões básicas de variação, relações entre tamanho demográfico e desenvolvimento, hierarquia urbana, e relações entre cidade e região (CORRÊA, 1994).

Sendo Sousa a maior cidade da região, possuidora do maior território, concentrando o comércio, as funções e os serviços, e ainda, pequenas indústrias, centros hospitalares, grandes instituições de ensino, cultura e mídia, fica evidente sua condição de cidade polo, em relação às pequenas cidades e municípios que a ela recorrem diariamente em busca de seus serviços e funções. É através das cidades que as ligações econômicas internas e externas se realizam, delas derivando o desenvolvimento.

O tamanho das cidades aparece então como uma expressão do desenvolvimento. Estes centros apresentavam uma proeminente importância econômica, cultural e política. Assim a cidade de Sousa apresenta elevado grau de importância dentro da microrregião e até fora dela, o que a mantém em uma posição de superioridade sobre as demais localidades de seu núcleo polarizador.

Suas funções ultrapassam os limites da sua região de influência e alcança centros de médio porte. Referindo-se aos fluxos e nós de redes, Sousa mantém relações com os diversos centros urbanos do Estado e da nação, através dos transportes rodoviários. De Sousa partem todos os dias, dezenas de pessoas para todos os estados do Nordeste e alguns estados de outras regiões mais distantes. De sua estação rodoviária partem ônibus para João Pessoa,

Campina Grande, Mossoró, Fortaleza, Teresina, Crato, Juazeiro, Natal, São Luís, Salvador, Recife, Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, Belém, Vitória, Rio de Janeiro, Cuiabá, etc. Além dos fluxos entre as cidades menores e mais próximas a si, que muito dependem de sua disponibilidade de serviços e funções urbanas (Figura 11):



Figura 11 - Passageiros na estação rodoviária de Sousa, se preparando para o embarque com destino à cidade de São Paulo. Foto: Daniele Ferreira Alves, 18 de Dezembro de 2009.

Portanto, podemos classificá-la como cidade polo, em suas relações e influências, em detrimento à condição que exerce sobre as áreas vizinhas. As relações, portanto, são assim indicadas: a atração urbana sobre a população regional, a comercialização pela cidade dos produtos rurais, a drenagem urbana da renda fundiária, a distribuição pela cidade de investimentos e trabalho e a distribuição de bens e serviços. A teoria nos comprova assim, que a cidade polo é de fácil percepção, que abrange uma área que não podemos mapear, porque suas influências se dão em diversos níveis, mas que podemos analisá-las e distingui-las, em seus processos, serviços e funcionamentos urbanos, sociais, econômicos e culturais.

4.1 A dinâmica da inter-relação econômica entre os municípios de Sousa e Santa Cruz.

As relações econômicas entre os municípios de Sousa e Santa Cruz se dão, ao geógrafo, de forma clara e perceptível. Quase toda a produção agrícola do município de Santa Cruz é comercializada em Sousa, e este, por sua vez, em sua condição de centro fornecedor de mercadorias e serviços, em muito supre as necessidades de funções e serviços dos quais o município de Santa Cruz é carente. Trataremos mais detalhadamente adiante.

Em visita a sede da EMATER (2006-2007) de Santa Cruz, foi possível entrevistar o Sr. Antonio Sarmiento de Andrade, que informou a produção do município que foi destinada ao comércio souzense no ano de 2006, para termos uma estimativa, dois mil litros de leite (2.000 l), dois mil quilogramas ou duzentas toneladas de rapadura (2.000 cargas ou 200 T), sessenta toneladas de feijão (60 T), cento e setenta toneladas de milho (170 T), sessenta toneladas de côco (60 T), vinte toneladas de goiaba (20T), trinta toneladas de tomate (30 T), dez toneladas de arroz (10 T) e dez toneladas de algodão (10 T). No ano seguinte, 2007, houve um aumento de quinhentos litros (500 l) na produção do leite destinado à Sousa (2.500 l). Em compensação, a produção de algodão destinado à Sousa neste ano foi nula: zero tonelada (0 T). A quantidade de rapadura destinada à Sousa se manteve (2.000 cargas ou 200 T). Já a produção de feijão (8 T) e milho (45 T) caiu vertiginosamente e a de coco (77 T), goiaba (15 T), arroz (8 T) e tomate (20 T) se manteve praticamente inalterada. Estes dados foram informados até o mês de setembro de 2007 e estavam sujeitos à alteração. De toda essa produção anual de alimentos, apenas 30% é consumida no município de Santa Cruz. Os setenta por cento (70%) restantes são comercializados em Sousa e/ou destinados ao comércio de outros municípios próximos.

Santa Cruz pode ser classificada como uma cidade de atividades e funções urbanas básicas ou primárias, onde sua produção é “exportada” para fora e a cidade justifica assim, sua própria existência, sendo praticamente um ponto ou uma via onde a produção é negociada e destinada à Sousa, por ser o centro polarizador e retentor de capital suficiente para adquirir essa produção. Suas atividades não-básicas ou secundárias se destinam à sua população urbana: mercadinhos, padarias, bares, lanchonetes, pizzaria, quitandas, fiteiros, sapataria, farmácias, salões de beleza, lojas de roupa, calçados e perfumes, armarinhos, *lan houses* (lojas de acesso à internet), oficinas mecânicas, lojas de material de construção, empresas de transporte, uma agência bancária e uma casa lotérica.

Para atender à quase ínfima freguesia em trânsito (na maioria, representantes comerciais), a cidade conta com duas casas de pensão e um hotel. Todos são estabelecimentos de pequeno porte, característicos de uma cidade que é classificada como um pequeno centro local. Como centro local, o comércio e os serviços de Santa Cruz conseguem atender, também, em parte, às necessidades de uma parcela de sua população rural.

A partir do alcance espacial máximo e mínimo verifica-se uma diferenciação da oferta de bens e serviços. Aqueles que são consumidos com grande frequência, diária ou semanalmente, necessitam de reduzido alcance espacial mínimo. Poucas pessoas, residentes nas proximidades imediatas de Santa Cruz, que é uma localidade central, são suficientes para justificar a oferta deles. Porém, em contrapartida, nem todos os produtos agrícolas que poderiam estar disponíveis ao comerciante do pequeno centro local em seu próprio centro, o estão. Isso o obriga a se deslocar para o centro maior, a cidade polo, a fim de adquirir os produtos que ele necessita comercializar. É justamente esta a condição verificada nos quitandeiros santacruzenses:

“Eu compro frutas e verduras, geral. Tudo que eu vendo aqui eu compro em Sousa. Tudo, tudo. Eu compro no Verdurão. Sempre quando eu vou, eu deixo uma quantia boa em dinheiro. Deixo dinheiro lá e é tudo pagamento à vista.” (José Evilásio da Silveira, comerciante, 35 anos)

A limitada demanda de consumidores e a pequena mobilidade espacial acrescentam-se à disponibilidade de pessoas que, como estratégia de sobrevivência, criam atividades terciárias e de produção que, segundo Milton Santos (apud CORRÊA, 1994), apresentam entre outros aspectos, as seguintes características: trabalho intensivo, organização burocrática primitiva, capitais reduzidos, pequenos estoques, preços sujeitos à forte barganha, reutilização de produtos e elevada margem de lucro por unidade.

No ano de 2006, foram contabilizadas em Santa Cruz 44 unidades de comércio (incluindo estabelecimentos para recuperação de veículos automotores). Nessas 44 unidades de comércio, 55 pessoas se ocupavam do trabalho, sendo que apenas 13 delas eram assalariadas e com um saldo de apenas 61.000 reais por ano pago a estes trabalhadores. (SMPS, 2007) As quarenta e duas (42) pessoas restantes se tratavam de donos ou parentes dos donos dos estabelecimentos e/ou trabalhadores que se dispuseram a trabalhar temporariamente em troca de acordos, como um ‘favor’ ou ‘ajuda’.

Não há postos de trabalho, o comércio paga muito pouco e a indústria é praticamente inexistente. O trabalhador não tem poder de compra, o giro de capital é ínfimo, resultando em

uma economia municipal praticamente estagnada. Os santacruzenses que possuem rendimento nominal mensal até 01 salário mínimo, contabilizam apenas 1.953 habitantes. (IBGE, 2007).

Podemos afirmar que a esmagadora maioria deles são trabalhadores rurais aposentados e são eles, principalmente, que injetam capital todos os meses na economia do município, sustentada pelo crédito: compra-se ‘fiado’. O sistema, como já citamos, é primitivo. Normalmente, o consumidor faz a despesa do mês e em comum acordo com o comerciante, se compromete a pagar a dívida no mês seguinte e assim, sucessivamente, todos os meses. Só recentemente e de forma quase insignificante, é que esse sistema vem se modernizando, com o uso do cartão de crédito e débito em poucos estabelecimentos comerciais.

A lei da “caderneta” impera nos supermercados e farmácias e até mesmo em lojas de roupas, perfumes e calçados. Vai-se pagando como pode e o consumidor demora um tempo maior para quitar uma dívida relativamente pequena. Isso gera escassez de capital de giro no mercado e, conseqüentemente, uma economia lenta. Tais atividades, segundo Milton Santos (apud CORRÊA, 1994), compõem o circuito inferior da economia dos países subdesenvolvidos, o qual convive de modo dependente com o circuito superior, composto de atividades modernas. Trazendo para o âmbito regional, diríamos que a economia santacruzense é subdesenvolvida e a economia souzense é dinâmica e moderna.

Constatamos através da pesquisa que Santa Cruz é uma cidade caracteristicamente de economia rural. As 10 unidades de indústrias funcionando em seu território são indústrias de transformação, em especial cerâmicas e engenhos de rapadura. As cerâmicas fabricam apenas telhas e tijolos e são também, madeireiras. Uma parte de sua produção destina-se ao comércio local, mas grande parte da produção é vendida para comerciantes de Sousa.

Isso é um pouco menos freqüente com as cerâmicas e madeireiras, porque ao se aventurarem na disputa pelo mercado consumidor souzense, fica em desvantagem devido à concorrência por parte de cerâmicas e madeireiras existentes em Sousa, o que não acontece com relação à comercialização da rapadura e derivados da cana-de-açúcar. A rapadura produzida em Santa Cruz é de excelente qualidade e, portanto, de fácil comercialização em Sousa e em outros grandes centros, como Patos, Campina Grande e até João Pessoa.

“Vendi três cargas de rapadura pra Sousa, pro supermercado Eunice. Uma carga contendo 100 rapaduras. O peso de cada rapadura 950g, 1kg. R\$490,00 eu ganhei. Na época da moagem a gente sempre vende pra Sousa. A carga a R\$140,00.” (João Jasse de Andrade, autônomo, 37 anos).

Contribuindo com este processo de transferência de produtos da zona rural de Santa Cruz para Sousa, está o PRONAF (Programa Nacional de Assistência à Família). A partir de 2008, este programa do governo federal passou a dar suporte por meio de empréstimos aos pecuaristas santacruzenses, dando aos que se encontravam cadastrados no programa, através do Banco do Nordeste, uma ajuda de custo de R\$ 1.500,00 ou R\$ 2.000,00 para compra de vaca leiteira, a fim de estimular a produção de leite no município e todo o processo era coordenado por um técnico da EMATER de Santa Cruz.

Uma enorme parte desse leite, como há muito é tradição, é destinado a empresas de laticínio souzenses. Neste ano de 2010, a COLEITE (Cooperativa de Beneficiamento de Leite), uma empresa souzense, desenvolveu, em parceria com o PRONAF, um projeto destinado a esses pecuaristas. O PRONAF entra com o patrocínio e a COLEITE trabalha em parceria com uma associação local, a ACOSA (Associação Comunitária de Santa Cruz), que dispõe de espaço físico e suporte humano para coordenar o projeto e trabalhar no uso do tanque de resfriamento de leite, onde é armazenada toda a produção de leite comprada aos produtores locais pela COLEITE.

Em suma, o projeto do governo federal financiou a compra das vacas e o tanque de resfriamento, dando à COLEITE o direito exclusivo da compra desse leite resfriado. Muitos agricultores sem perspectivas estão agora usando suas propriedades para criação de vaca leiteira, estimulados por esse projeto. Agora o leite produzido em Santa Cruz tem destino certo e isso está acarretando um impulso, ainda que moderado, na economia do município. (Informações coletadas em entrevista com Marlyson Lima Sarmiento, 21 anos, funcionário da Emater e coordenador do projeto em Santa Cruz. Entrevista realizada em 13 de junho de 2010).

Como estamos tratando de relações centro-periferia, entendemos que no estudo do papel das cidades como focos de distribuição de bens e serviços, deve-se abordar os tipos de transações comerciais existentes. As transações comerciais podem ser analisadas segundo sejam elas varejista, atacadista, de representação, segundo a forma de pagamento, a frequência com que são feitas as transações e etc. Santa Cruz tem significativa dependência do comércio atacadista souzense para suprir a necessidade de abastecimento de seu comércio de bens não-duráveis, como os supermercados:

“Olha, de Sousa nós só dependemos da mercadoria que nós compramos lá. Porque os atacadistas são em Sousa, e mais nada. São muitos itens aqui. É açúcar, é arroz, é feijão, café, são mais de dez mil itens aqui no mercado. Frutas e verduras vem de Patos, da Ceasa de Patos. Isso, 90% da mercadoria, são aos atacadistas. 90% da

nossa mercadoria que nós vendemos aqui, nós compramos em Sousa. No momento eu não sei te dizer qual é a exceção.” (João Batista Casimiro de Oliveira, comerciante, 42 anos)

“Depende de muitas coisas. Tem muitas empresas que a gente compra né lá? Compro sabão Novo Brilho, é feijão carioca a gente compra de Sousa, lâmpada, Francisco Miudezas que a gente compra de Sousa também, o iogurte Isis que é de Sousa, e muito mais coisas também. Pronto, o resto a gente compra de fora.” (Flávia Fernandes de Lima, comerciante, 26 anos)

Há também uma procura por parte dos comerciantes santacruzenses - embora esta procura seja menos intensa - por mercadorias para suprimento do estoque de confecções e *bijouterias* vendidas em Santa Cruz. É o que se observa vez ou outra, no centro comercial de Sousa (Figura 12):



Figura 12 – Comerciantes santacruzenses do ramo de confecções à procura de mercadoria para repor seu estoque. Foto: Daniele Ferreira Alves, 18 de Dezembro de 2009.

Normalmente, esses comerciantes costumam recorrer a outros centros maiores, como Fortaleza, Natal e Recife, para repor seu estoque de confecções. A maior parte deles faz questão de trabalhar com mercadoria de uma melhor qualidade e as confecções encontradas em feiras livres não atendem a esse critério. A qualidade delas é mediana e não agrada ao consumidor santacruzense, que é exigente nesse quesito.

Como podemos perceber e Corrêa (1994) nos afirma, é que cada um dos ‘circuitos’, o centro e a periferia, apresentam a sua própria especialidade. Na rede de localidades centrais os

dois circuitos estão presentes, estruturando-se de modo que cada um atue simultaneamente através de ambos, dispondo assim de suas regiões de influência.

Neste caso em particular, a análise empírica nos mostra que a cidade, em suas origens, constitui-se em um ponto no espaço geográfico que, através da apropriação de excedentes agrícolas, passou de certo modo a controlar a produção rural. Conseqüentemente, o que adquire em produtos advindos dos centros locais rurais, é repassado a eles pelo mercado, sem que os cidadãos ao menos se dêem conta disto. Ao mesmo tempo, atrai essa população cidadina ao seu centro (e quando não, envia representantes comerciais), para suprir essa população do centro local de produtos industrializados.

Sousa também monopoliza, além do comércio, os negócios e serviços, como o bancário. Amplia-se assim, também, a circulação de pessoas e capital e a acessibilidade é redefinida em função dos novos modos de circulação.

“Eu fui à Sousa pagar uma prestação no Banco do Nordeste, débito da cooperativa Coopersanta, daqui de Santa Cruz. Eu como sócio né, é quem ta assumindo os débito que a cooperativa faliu, ta falida, e os sócio é quem ta assumindo os débito. Fui só deixar o dinheiro lá. Sem comer e sem beber, porque eu não devo nada na cooperativa. Foi R\$ 376,00 foi renegociado esses débito. Só podia ser em Sousa, Banco do Nordeste só.” (Natanael Amaro da Silva, aposentado, 72 anos)

As despesas correspondem, assim, a dois tipos de consumo e uso: a aquisição de produtos e mercadorias, que George (1971) classifica como consumo concreto, e o pagamento de serviços que podem ser denominados consumo abstrato.

“Fui no Banco do Nordeste resolver um negócio que aqui num tem Banco do Nordeste aqui em Santa Cruz. Aí fui parcelar uma dívida da cooperativa. Paguei R\$ 363,00 pra parcelar a dívida. Aí ficou pra pagar. Vim almoçar em casa. Gastei o dinheiro só das passage. Num comprei mais nada não. Dessa viagem só. De vez em quando eu compro. Já comprei roupa pra menino. Desde outubro que eu gasto com passage. Desde o mês de outubro que eu ando com Harla pra Sousa pagando passage. E paguei a consulta dela foi R\$80,00. E com exame também, foi feito em Sousa os exame dela. Foi. Os exame foi colhido aqui, mas é feito em Sousa. O exame, fiz duas vez o exame de Harla. Gastei duas vez e todo dinheiro foi pra Sousa. Comprei, meu guarda-roupa foi comprado lá, na Sousa Eletromóveis. Essas duas cadeira da sala, aquelas quatro cadeira tudo foi comprada lá na Sousa Eletromóveis, tudo em Sousa. Esse guarda-roupa foi comprado lá também. Os colchão dos menino foi comprado em Sousa também. Os três colchão. Quase todos os móvi tudo daqui foi comprado em Sousa. A televisão, comprada no Armazém Paraíba. Comprei uma sandália na “Paraíba”. Roupa eu compro lá também às vez né? Num é sempre, mas... Camiseta pra Mizaél comprei lá esses dia. E a de Mikaias.” (Maria Alves de Andrade, dona de casa, 34 anos).

O movimento dos fundos permanece quase sempre desconhecido. A ação dos bancos sobre a região é de máxima importância. O local onde o comerciante deve descontar seus

títulos, abrir uma conta-corrente, o local onde se exerce o controle sobre o desenvolvimento da economia indispensável a uma boa repartição de crédito. Pessoas saem de Santa Cruz para Sousa todos os dias, em busca de serviços que só estão disponíveis naquele centro. Ao contrário da maioria dos casos entre centro e periferia, a migração diária não acontece com a finalidade do trabalho (apesar de existirem inúmeros cidadãos santacruzenses trabalhando e residindo em Sousa) e sim de compras, além de serviços como o hospitalar, de contabilidade, jurídico e principalmente o bancário e o escolar e/ou universitário. Para que esses fluxos sejam possíveis e se mantenham, são necessárias, portanto, vias de circulação e transportes que atendam à essa demanda.

Santa Cruz há muitos anos se ‘orgulha’ em ser a única cidade da microrregião de Sousa a ter uma empresa de ônibus. Há quase 40 anos esses ônibus circulam todos os dias, fazendo o percurso Santa Cruz-Sousa, Santa Cruz-Cajazeiras e vice-versa, várias vezes ao dia. A empresa “Viação Santa Cruz” dispõe de uma frota razoável de ônibus e microônibus e atende não só a população de Santa Cruz, mas também das localidades que percorre em seu percurso para Sousa (cidades de São Francisco e Aparecida) e até da população da própria Sousa, quando faz o percurso Santa Cruz-Cajazeiras. Santa Cruz também conta com a empresa “Viação Sertaneja”, que dispõe de vans e faz linhas diárias para Sousa e três vezes por semana para Campina Grande (Figuras 13 e 14):

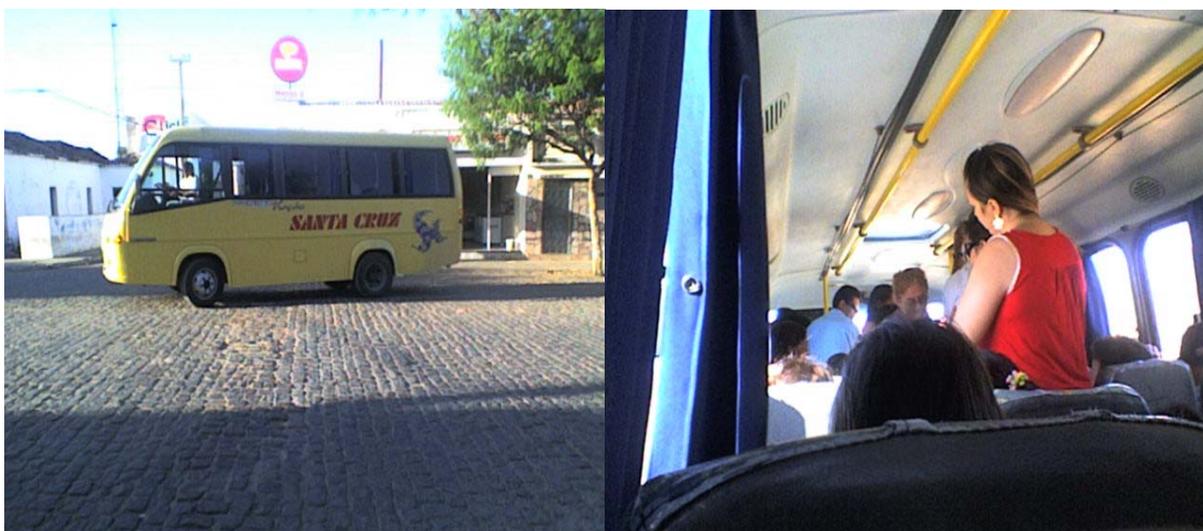


Figura 13 e 14 – Microônibus da Viação Santa Cruz se dirigindo ao ponto de saída com destino à Sousa. Detalhe para o interior do veículo, lotado de passageiros. Foto: Daniele Ferreira Alves, 20 de Dezembro de 2009.

Santa Cruz depende desses transportes para se deslocar cotidianamente até Sousa e/ou Cajazeiras (mas principalmente Sousa), para dispor dos serviços de que necessita. Isso

implica custos para os passageiros e, conseqüentemente, injeção e giro de capital nas duas localidades envolvidas. Corrêa (1995) afirma que o mercado de trabalho é ampliado mais ainda e os transportes intra-urbanos passam a servir a setores da área central, como o comércio varejista, bem como numerosas atividades instaladas em escritórios.

Todos os dias partem de Santa Cruz, pessoas em busca de serviços judiciários, bancários, médico-hospitalares, de cartório, de comércio, de educação, entre outros. Normalmente, vão pela manhã e acabam almoçando ou lanchando em Sousa. As despesas vão desde às passagens de ônibus até uma água de côco que se tome. Essa despesa com alimentação movimenta vários pontos do centro comercial souzense e até de bairros da periferia, onde existem churrascarias e elas são, por alguns dos fregueses em trânsito, preferidas em detrimento das “tarimbas” que servem almoço no Mercado Público, localizado no centro.

“Passei dois dias lá. Fui fazer as provas do vestibular na segunda etapa. Porque em Sousa era mais perto pra mim e aqui não tem. Exatamente, lá é um centro universitário né. Fiz pra História pra Cajazeiras. Num fiz pra Sousa porque lá não tem História. Fiquei na casa da minha sobrinha. Com certeza eu gastei né querida? Só com lanche, só e passagem daqui pra lá. Só com lanches.” (Adriana Ferreira dos Santos, estudante, 22 anos).

As despesas com passagens injetam boa quantia de capital na economia santacruzense. Porém, Santa Cruz não retém totalmente os lucros que obtém com os serviços de transporte, devido à necessidade que tem de abastecer seus veículos nos postos de combustíveis souzenses. A cidade de Sousa é equipada com grandes postos, sendo que Santa Cruz é deficiente nesse serviço. A maioria das revisões na mecânica dos veículos também é feita em Sousa, porque esta dispõe de serviços especializados para os ônibus que em Santa Cruz não são disponibilizados, com exceção nas vezes em que cidadãos santacruzenses residentes em Sousa, vão até Santa Cruz prestar esse serviço. Sendo assim, boa parte do capital adquirido com os serviços de deslocamento de pessoas da cidade de Santa Cruz, fica retido em Sousa.

“Moro em Sousa, na rua Domiciano Braga Pires. A gente mora em Sousa porque as condições lá é melhor, tem mais opção de emprego. Venho aqui sempre, sempre. É, tanto trabalhar quanto se divertir eu tô sempre aqui direto. Trabalho com eletricidade de automóveis e ganho melhor lá. Venho sempre pra cá, mas lá eu tô ganhando melhor. Por enquanto né, num sei. Eu venho pra cá porque me chamam né? Eu tenho muita gente que é conhecida né, aí me chamam pra fazer serviço aqui. Aqui não tem ninguém que faça isso. Só lá. É, só tem eu e meu padrinho de eletricista lá, que vem fazer serviço aqui só.” (Donny Willow Alves da Silva, estudante, eletricista, 15 anos)

Nesse sentido, os transportes intra-urbanos que deslocam diariamente cidadãos santacruzenses de seu pequeno centro local para o centro de Sousa, contribuem significativamente com o comércio varejista e de serviços instalados no centro urbano souzense. Todos os dias, pessoas comuns e comerciantes de Santa Cruz vão à Sousa fazer compras em mercados de frutas, lojas de móveis e colchões, lojas de equipamento agrário e agropecuário, o que demanda boas quantias diárias de capital. Sem contar que, durante o percurso de Sousa a Santa Cruz, as viagens “Santa Cruz” e “Sertaneja” desloca passageiros de mais duas cidades do entorno souzense: São Francisco e Aparecida. Sem as empresas de transporte santacruzenses, esses passageiros teriam maiores dificuldades de ir e retornar à Sousa todos os dias. Conseqüentemente, os fluxos de pessoas e capitais no centro urbano souzense não seriam os mesmos. Quanto maior o crescimento do fluxo de pessoas em um centro urbano, maior é a diversidade de serviços, maior também é o fluxo de mercadorias e capitais e maior é a força que esse polo passa a ter, mantendo sua condição de centro polarizador.

4.2 Aspectos sociais e culturais decorrentes da relação entre os dois municípios.

Como já mencionado, a cidade de Sousa, como centro regional, constitui uma ‘armação’ de base para relações de vida por estar dotada de serviços bem diversificados, como comércio, equipamento bancário, consultores, equipamento cultural e artístico, etc. Segundo Corrêa (1994), essa variabilidade resulta, em grande parte, de combinações distintas de elementos variáveis e que não são constantes, como: densidade e estrutura demográfica, renda, tanto em termos de média como de sua distribuição social e espacial, padrões culturais que implicam em certos hábitos de consumo e preferências nos deslocamentos espaciais, preço dos produtos, facilidades de circulação, heranças do passado em termos de localização dos centros, e dinâmica regional.

O município de Santa Cruz, como já citamos, contabiliza 1.953 habitantes possuidores de rendimento mensal de até 01 salário mínimo. Em contrapartida, 579 santacruzenses possuem renda mensal acima de 02 a 20 salários mínimos. (IBGE, 2007) Essa população possuidora de renda mensal acima de 05 salários mínimos é justamente a que prefere fazer todas as suas compras em Sousa e acaba usufruindo dos equipamentos de uso social e

culturais de que Sousa dispõe, como clínicas e hospitais particulares, clínicas estéticas, colégios particulares para os filhos e netos, clubes e restaurantes, cinema e teatro, concessionárias de carros novos, além de compras em *boutiques* e lojas de móveis finos. Há uma influência direta de Sousa nos moldes de consumo dessa parcela da população santacruzense.

O espaço urbano da microrregião de Sousa é simultaneamente fragmentado e articulado. Cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos cotidianos entre as áreas residenciais - que são os centros locais - e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos freqüentes para compras no centro da cidade, como também as visitas menos freqüentes aos parentes e amigos e às idas ao cinema, cultos religiosos, missas, jogos de futebol, clubes aquáticos e visitas turísticas ao complexo hídrico do açude de São Gonçalo e ao parque arqueológico Vale dos Dinossauros, este último atrai muitos turistas e pesquisadores para o local.

Diversos programas de rádio souzenses, através da propaganda, aspiram a lazeres que libertem o ouvinte dos constrangimentos da vida cotidiana e especialmente das imposições do trabalho. Tais formas de consumo são episódicas. Na região de Sousa o rádio ainda é o melhor disseminador publicitário, além de ser a única forma de entretenimento da região que alcança a todos e constituiu-se em um veículo que dá voz ao povo santacruzense e de toda a região polarizada.

Entrando no âmbito notadamente cultural da região, bem poucos são aqueles cuja profissão e gostos os tornam fregueses do comércio cultural. Com menores disponibilidades financeiras, eles hesitam freqüentemente diante do preço de uma edição fina, de uma coleção, de um quadro ou mesmo de um ingresso de teatro. A maioria prefere o que está mais acessível e com o qual se “diverte” mais, que são as festas/shows, onde a atração principal é uma banda de forró. Essa é uma cultura fortíssima na região, sendo valorizada ao ponto de deslocar freqüentemente, demandas de pessoal de umas cidades para outras, bem como de Santa Cruz para Sousa e vice-versa (Figuras 15 e 16):

“Fui festa em Sousa umas duas, três vezes. Teve uma dia 22 de agosto ou foi setembro. Vou festa lá porque é bom. Algumas bandas que vem pra lá vem pr’aquí. As atrações que vem pra lá é melhor que as que vem pr’aquí, tipo ‘Aviões’, é ‘Raça Negra’, ‘Cavaleiros’, ‘Felipão & Forró Moral’, ‘Limão com Mel’... Mas vem agora pra aqui, ‘Solteirões’, só, tá bom.” (Maisa Pereira de Andrade, estudante, 19 anos)

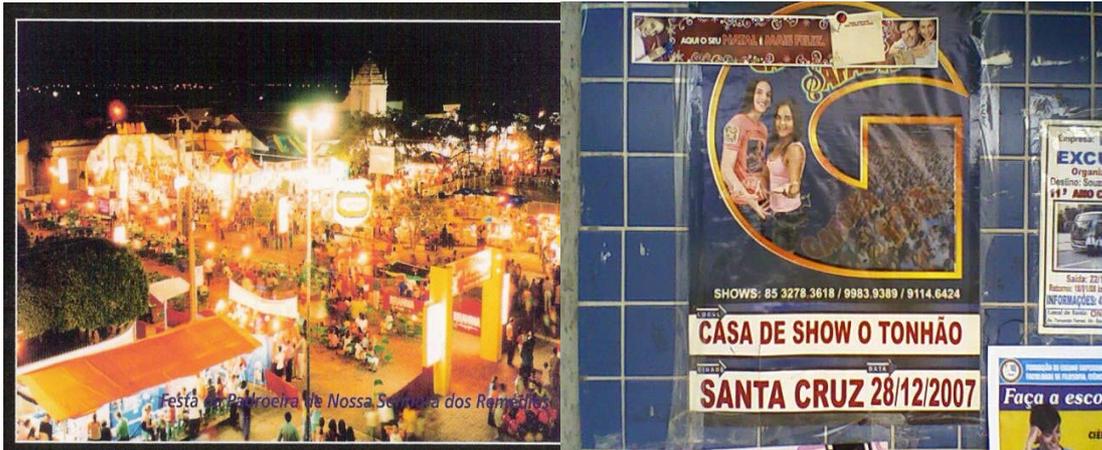


Figura 15 e 16 – Festa de Padroeira Nossa Senhora dos Remédios em Sousa, que atrai uma grande demanda de pessoas das cidades da região todos os anos. Fonte: Além do Rio, Fotografia Documentária - Sousa (PB), 2004. Em segundo plano, foto de um cartaz de divulgação encontrado na Rua Cônego José Viana, no Centro de Sousa, convocando a população souzense a comparecer à festa tradicional de fim de ano, no Sítio Santana, município de Santa Cruz. Foto: Daniele Ferreira Alves, 15 de Dezembro de 2007.

Há uma padronização no que diz respeito a eventos culturais de lazer. Se o cidadão da região procura por eventos musicais de outro gênero, dificilmente encontrará. A cultura do forró eletrônico foi imposta e absorvida pela maioria da população. Portanto, se o indivíduo quiser sair para dançar na região de Sousa, está será a trilha sonora que estará disponível para ele. Através da análise teórica e empírica, vemos então que o espaço urbano da microrregião de Sousa é fragmentado, mas articulado ao mesmo tempo, sendo reflexo e condicionante social (CORRÊA, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É seguro afirmar que a cidade, especialmente a polo, exerce uma atração sobre a população de sua região de influência. Segundo Corrêa (1994), esta atração define migrações definitivas. Mas a cidade polo exerce também uma atração cotidiana, pois moradores de núcleos próximos nela encontram relativamente grande mercado de trabalho e serviços. Verifica-se assim, a valorização de certas localizações em detrimento de outras. Mais do que isto, para cada atividade, nova ou transformada, há padrões locacionais específicos que melhor atendem à lógica capitalista.

Como consequência, algumas cidades perdem importância, enquanto outras são valorizadas e criam-se novos centros urbanos. Numa planície fértil e densamente ocupada, como a área onde Sousa está localizada, com produção agrícola negociada extralocalmente, define-se uma hierarquia de localidades centrais. No entanto, visualizando no presente o polo de atração, que é o resultado de um intenso e longo processo de relações sociais e comerciais entre as pequenas localidades, áreas rurais e o centro polarizador, nos esquecemos ou não nos damos conta de que a cidade polo também se torna dependente dos fluxos de matérias-primas, pessoas e capitais advindos dessas pequenas localidades de seu entorno. A cidade polo não seria o que se tornou e não manteria seu poder de atração e influência, se não existissem os fluxos entre ela e seus centros subordinados. O que na verdade há, é uma condição de interdependência em termos econômicos, sociais e culturais entre o centro e a periferia.

Um dos mais importantes fatores (senão, o mais importante) para que Sousa se elevasse à condição de cidade polo foi a cultura do algodão, que a partir do século XVIII, XIX e início do século XX teve a produção altamente promissora também para o pequeno proprietário. No município de Santa Cruz, diversos pequenos proprietários de terras preferiram a agricultura de subsistência pela do algodão, impulsionados pelo preço do produto e pela facilidade de escoamento da produção para compradores e/ou beneficiadores de Sousa, através da linha férrea que ligava os dois municípios.

Santa Cruz foi, por muito tempo, um dos principais fornecedores de algodão para Sousa, que o beneficiava e o repassava para outros centros por um preço maior. Desse modo, boa parte dos lucros ficavam retidos em Sousa. Nascia assim, uma intensa relação de interdependência entre os dois municípios. Santa Cruz necessitava de um centro beneficiador

e atravessador do produto e Sousa necessitava do reforço da produção algodoeira santacruzense.

O ciclo do algodão se encerrou, mas as relações de interdependência entre Sousa e Santa Cruz continuam através do comércio, serviços e eventos culturais. Segundo Andrade (1987), os polos não são unidades isoladas, ao contrário, os polos se organizam girando uns em torno dos outros, atraindo e sendo atraídos. Cada um tem em torno de si uma área de influência cujos limites estão ligados ao traçado das vias de transportes e de comunicações, exercendo maior força de atração nas áreas que lhes são próximas do que nas mais afastadas.

Sendo assim, os deslocamentos diários dos habitantes santacruzenses pela busca de serviços disponibilizados em Sousa, contribui com a manutenção da centralização desses serviços, derivando conseqüentemente, o desenvolvimento e a intensificação do poder de atração de Sousa como cidade polo.

Considerando os fluxos intensos de pessoas das áreas do entorno souzense que acontecem diariamente e a influência deles sobre a dinâmica e funcionamento dos serviços realizados no centro comercial de Sousa, podemos dizer que ela aparece assim, como o reflexo de sua região. Os equipamentos e os fluxos estão tão interligados que ficam, em conseqüência, inteiramente interdependentes. Através do consumo os salários fluem para as centrais de vendas e destas, para as agências bancárias.

Sousa adquire de Santa Cruz matérias-primas e produtos agrícolas a preços bem menores do que os preços impostos pelos grandes produtores agrícolas do estado e da região Nordeste. Um exemplo é o leite que Sousa consegue comprar de Santa Cruz por um preço abaixo do valor de mercado, propiciado pela parceria e incentivo do governo federal aos produtores de leite. O projeto do governo, enquanto financia a produção do leite, consegue baixar os custos para os produtores e, conseqüentemente, o preço desse produto fica menor para aquele outro parceiro que vai adquirir a produção: empresa souzense de beneficiamento de leite. No entanto, muitos desses produtos são repassados para Santa Cruz através do mercado, a preços bem mais elevados do que o que foi adquirido. Assim, Sousa fica com a maior parte dos lucros de todo esse processo comercial, culminando com o aumento de sua força polarizadora. Sendo assim, Sousa, em condição de cidade polo, em muito depende da obtenção de fluxos, capitais e lucros advindos de Santa Cruz e de outras cidades que polariza, para perpetuar e manter seu poder atrativo, influenciador e polarizador. Baseando-se nisso, podemos afirmar que sua dinâmica, sua forma e sua importância foram construídas e muito dependem do processo de interdependência existente entre ela e seu entorno polarizado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica do Nordeste**. 3.ed. Ed. Atlas, São Paulo, 1977.

_____. **Geografia, Ciência da Sociedade**. Uma introdução à Análise do Pensamento Geográfico. Ed. Atlas, São Paulo, 1987

_____. **Geografia Econômica**. Editora Atlas, 11. ed. São Paulo, 1992.

_____. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento**. Ed. Atlas. São Paulo, 1987.

_____. **O Nordeste e a Questão Regional**. Ed. Ática, São Paulo, 1988.

_____. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento: a teoria dos polos de desenvolvimento e a realidade nordestina**. Ed. CRAM, Recife, 1977.

_____. A Região Como Unidade Dinâmica: Posição dos Geógrafos e dos Economistas Ante o Problema Regional. In: **Espaço, Polarização e Desenvolvimento: uma introdução à economia regional**. Ed. Atlas, São Paulo, 1990.

_____. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento: uma introdução à economia regional**. Ed. Atlas. 5.ed. São Paulo, 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana**. 2.ed. Ed. Ática, São Paulo, 1994.

_____. **Região e Organização Espacial**. Ed. Ática. São Paulo, 1986.

_____. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FAISSOL, Speridião. **Urbanização e Regionalização: Relações com o desenvolvimento econômico**. Seleção de Textos Básicos. Rio de Janeiro. IBGE, 1978.

FERRAZ, Augusto. **Além do Rio: uma fotografia da paisagem urbana**, Sousa, Paraíba. AGT Produções, Sousa, 2004.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Almendina. Coimbra, 1980.

GEORGE, Pierre. **Geografia Econômica**. Editora Fundo de Cultura. Brasil-Portugal, 1965.

_____. **Geografia Urbana**. Editora Difel. São Paulo, 1983.

_____. **Panorama do Mundo Atual**. Editora Difel. São Paulo, 1985.

_____. **Geografia do Consumo: Saber Atual**. Difusão Européia do Livro. 2.ed. São Paulo, 1971.

GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato, (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. CASTRO, Iná Elias de, Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2005.

- GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico e Geomorfológico**. IBGE, 8. ed. Rio de Janeiro, 1993.
- GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. **Divisão Regional do Brasil**. Revista Brasileira de Geografia. IBGE, 1941. Disponível em: <http://ghtc.ifi.unicamp.br/AFHIC3/Trabalhos/56-Roberto-Schmidt-Almeida-Vera-Lucia-Cortes-Abrantes.pdf> Acesso em: 01 de junho de 2010, às 04h29min.
- JOSÉ FRANCISCO DA SILVA NETO. **Fotografia aérea de Santa Cruz-PB**. Santa Cruz, 2007.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 14. ed. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1994.
- RODRIGUEZ, Janete Lins. **Atlas Escolar da Paraíba**. Editora da UEPB, João Pessoa, 1997.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 14. ed. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1994.
- SILVA, Armando Corrêa de. **Geografia e Lugar Social**. Col. Caminhos da Geografia. Editora Contexto. São Paulo, 1991.
- SOUZA, Bartolomeu Israel de; LINS, Rômulo Sérgio Macedo. **Geografia da Paraíba: Do Litoral ao Sertão**. S/Ed. João Pessoa, 1997.
- XAVIER, Lauro Pires. **A Visão do Nordeste na Perspectiva de José Augusto Trindade**. Fundação Casa José de Américo, João Pessoa, 1989.